O NATURALISMO NO BRAZIL

Obras do autor

Publicadas

PONTOS DE RHETORICA E POETICA—Rio de Janeiro—editor Serafim José Alves—1884

INTRODUCÇAO—ás «Prelecções de Direito Romano» do Dr. Dutra Rodrigues—Rio—1887.

A NOIVA—(escorço de um romance naturalista)—S. Paulo—(esgotado)—1888.

TREZE DE MAIO—carta republicana ao Conselheiro João Alfredo—Rio—1889.

A POESIA E A ARTE--(estudo philosophico)--2.ª edição--Maranhão--editor Ramos de Almeida & C.--1894

O POVO E O BANQUEIRO--pamphletos de propaganda socialista, 8 numeros--Rio--1891

O NATURALISMO NO BRAZIL--Maranhão--editores Ramos de Almeida & C.--1894.

EPHEMERAS--(poesias) Maranhão--editores Ramos de Almeida & C.---1894.

A apparecerem.

PSYCHOLOGIA LITTERARIA--(paginas de critica.)

CARIATIDES--contos.

ESPARSOS--artigos diversos publicados em jornaes e revistas

A POESIA MODERNA—e os actuaes poetas brazileiros.(estudo critico publicado em parte no jornal O NOVIDADES)

O MARECHAL JUSTINO-romance politico-realista.(no prelo)

Typ. de FRIAS FILHO & C.ª Succ.=Maranhão

ADHERBAL DE CARVALHO

O NATURALISMO

NO

BRAZIL

(EST. SYNTHETICO DE LITTERAT. CONTEMPORANEA)

MARANHÃO--1894
LIVRARIA CONTEMPORANEA
JULIO RAMOS & C.--EDITORES
39—Rua do Trapiche - 39

A' memoria de meu pai

O Dr. José Alves Pereira de Carvalho.

Le plus vif plaisir d'un esprit qui travaille consiste dans la pensée du travail que les autres feront plus tard.

H. TAINE--Essais de Critique et d'historie.

ANTELOQUIO

De passeio por este glorioso Estado do Maranhão, e não querendo permanecer de todo inactivo, escrevi este ligeiro e defeituoso trabalho, publicado *au jour le jour* na PACOTILHA, mais para satisfazer ao meu temperamento de escrevinhador do que para alimentar velleidades litterarias que felizmente não tenho.

O facto de ja haver muita cousa feita sobre a manifestação do talento nacional na poesia, na sciencia, na politica etc, e nem uma só palavra a respeito do romance e dos nossos romancistas, suggeriu-me a idéa destes artigos que, jamais me passou pela memoria, formariam um volume, quer pela synthese rapida em que são estudados os autores e os livros, quer pelo afogadiço com que foram elaborados e publicados. Elles aqui vão não obstante reproduzidos tal como viram a luz na imprensa, sem o accrescimo de um termo ou de uma virgula siquer.

A' illustrada redacção da PACOTILHA deve este es-

tudo o seu nascimento; ao bom acolhimento do publico maranhense, e, com especialidade, ás instancias dos meus distinctos editores, devo o inestimavel prazer de vel-o formando um elegante volume in-8.º francez.

Ocioso torna-se, entretanto, repetir que este livrinho não passa de um ensaio, quero dizer, de um pequeno resumo de um outro livro que não me julgo, certamente, com forças de emprehender.

Deixo essa difficil tarefa a outros mais valentes que não eu que me abalancei a tentativa desta synthese, agarrando-me como a uma taboa de salvação, á celebre sentença de Paul Louis Courier, que diz que «qualquer producção do nosso espirito, uma vez que pode se tornar util, está por si mesma justificada.»

S. Luiz—Outubro 1893.

O NATURALISMO NO BRAZIL

I

Do meiado d'este seculo para cá, quando se pensava que a litteratura havia dado a sua ultima de mão, e que os representantes das lettras não tinham mais nada a fazer do que trabalharem e trabalharem muito por essa nova eschola revolucionaria a que deram o nome de ***Romantismo***, para depois colher os louros das suas victorias, ahi nesse mesmo canto da Europa, para quem o prefacio de *Cromwell* era uma biblia litteraria, Michelet ligava a actividade da França á historia da humanidade e dava nova orientação

ao estudo da historia, resumindo-a na «lucta da liberdade contra a fatalidade». Augusto Comte fazia a revolução do pensamento, descobrindo as tres leis capitaes que presidem a intellectualidade humana, systematisando a sciencia e fazendo a sua classificação hierarchica. Carlos Darwin, na Inglaterra, descobria as leis do transformismo e da evolução e agitava todas as sciencias biologicas, tirando-as da estreiteza descriptiva dos colleccionadores, dando-lhes um ponto de vista deductivo; e Honoré de Balzac fazia por seu turno a revolução artistica lançando, com a simplicidade de seu grande engenho, as bases physiologicas e sociaes do romance moderno.

As novellas de Walter Scott, George Sand, Victor Hugo, Eugenio Sue, Lamartine, Saint Pierre, Chateaubriand, Alexandre Dumas, Ponson du Terrail, etc., faziam as delicias do selecto e já *grand public*, legente de então.

A explicação de tudo isso não seria muito dif-

ficil. E' que as lettras não se haviam ainda democratisado e o povo ainda era um producto hysterico, um herdeiro atávico das humilhações e extravagancias dos seculos precedentes. O seu temperamento era doentio e allucinatorio. As *Maguas de Werther* produziram mais de um suicidio amoroso, e *Paulo e Virginia* milhares de idylios rediculos e serenatas grotescas.

Tudo o que tivesse algo de phantastico, de imaginario, de creações demoniacas, de nevrosismo explosivo de temperamentos tinha o seu consenso. Victor Hugo mesmo já havia dito que «um livro onde houvesse phantasmas seria um livro irresistivel».

O autor dos *Miseraveis*, dos *Trabalhadores do Mar*, de *N. S. de Pariz* e de tantos outros, pertence ao numero d'essas individualidades superiores a que Cesar Lombroso chama de «genios conscientes de sua genialidade».

Elle acreditava ter dado ao pensamento litte-

rario do seculo XIX a sua forma definitiva e a definitiva base fundamental das aspirações modernas. Fosse elle um photographo exacto das paixões humanas em typos reaes ou verosimeis, e seria ainda o Jeovah das lettras hodiernas. Quasimodo, por exemplo, é uma monstruosidade physica servindo de involucro ás mais bellas paixões e aos mais extraordinarios sentimentos affectivos, que se possam imaginar aninhados na alma de um individuo.

A litteratura como a humanidade está sujeita ás modificações do *meio* e ás influencias do tempo, pois é evidente, diz Buckle—*Hist. de la civilisation en Angleterre*, vol. 1.º pag. 27—«que todas as variações ou mudanças na historia e vicissitudes da raça humana, progresso e decadencia, felicidades ou miserias são o fructo de uma dupla acção; acção dos phenomenos exteriores sobre o espirito e acção do espirito sobre os phenomenos». E é isso mesmo o que se tem ob-

servado com as escolas litterarias, quasi todas em completa tergiversação.

Ao classicismo oppoz-se o romantismo com todos os desvarios da imaginação, n'uma deliquescencia febril e extuante de nervos e de idéas, e a este tomou-lhe desabridamente a dianteira o naturalismo, isto é, o romance moderno, estudando o *meio* como uma experimentação sociologica, collocando-se na situação de vulgarisar pelo conflicto de todo o condicionalismo em que o homem se *determina*, o que ha de voluntario ou automatico nos seus actos; o romance de caracteres, que significa o estudo artistico-litterario de uma exposição concentrica de todas as influencias, que determinam um pensamento ou um acto.

Tratando-se do romance moderno não posso, de forma nenhuma deixar de falar nos seus verdadeiros fundadores, embora de relance, n'uma silhueta rápida de aguarella.

Começarei, pois, pelo maior de todos elles, o grande mestre Honoré de Balzac.

Balzac! este nome vibrante sahe-me tremulo da penna como se escrevesse o nome de um bandido celebre, sobre cujas façanhas hediondas a vasta technologia juridica estacasse exanime, desfallecida.

E' que o autor de *Eugenie Grandet*, assombroso como é, deixa gravada no espirito de quem

o lê uma impressão estonteante e nervosa de imagens, de descripções inolvidaveis e de personagens lucilantes de vida e de actividade que fascinam, que enthusiasmam. A historia de sua vida é a historia de uma epocha litteraria, é o *fiat lux* do romance moderno, o genesis litterario do operariado politico. Eil-a em fugitivos e rapidissimos traços.

Foi com a publicação do seu *Dernier Chouan* que o futuro creador de *Vautrin* appareceu na liça dos combatentes. Como era de prever, o seu trabalho soffreu toda a sorte imaginaria de guerra. Uma lucta infrene presidiu sempre aos seus romances, desde as *Scenas da vida publica* e *Scenas da privada* até a *Comedia humana*, n'uma deshumanidade pavorosa, n'um desancamento mortal.

Não obstante tudo isso elle foi trabalhando, resignado e esperançoso, n'essa extraordinaria obra social que a morte não o deixou concluir,

mas que constitue a pedra fundamental de toda a litteratura experimental e psychologica de nossos tempos, o espiráculo aberto ás novas aspirações belletristas, então cançadas com as extravagancias doentias do romantismo.

Foi elle o primeiro que usou do genero descriptivo ao natural e quem primeiro trasladou para as paginas do livro as observações tomadas aos caracteres, aos costumes, ás cousas e ás individualidades.

Não sei que instincto observador e revelador ensinou-lhe que os lugares e os homens têm-se por secretas relações, que tal muralha é um caracter, que tal sitio é uma idéa e que, para bem reter-se um retrato social é necessario conhecer perfeitamente todos os cantos, todas as manhas da sociedade etc.

Cada romance de Balzac é uma these moral, um problema social proposto ou resolvido. Elle não escreve sem saber onde irá dar; os seus per-

sonagens agrupam-se, falam, agitam-se mostram-se influenciados pelo meio em que vivem, são de uma logica absoluta em tudo o que fazem. A acção desdobra-se lenta. sem peripecias convencionaes, sem situações intempestivas para produzirem emoções ou prenderem a curiosidade; tem um desfecho natural que ás vezes fica suspenso, como que incompleto.

Theophilo Braga, fazendo uma apreciação de Balzac e suas obras, disse que o «*Pére Goriot* é na sociedade moderna o mesmo que o *Rei Lear* entre a vida selvagem retratada nas lendas da idade media, e que a sua lei sentimental é identica a de Shakespeare com a differença de que em Balzac em vez das rubricas passageiras do drama, tem a parte descriptiva, donde deduz quasi sempre o caracter que desenha.»

Aonde o seu genio se encontra mais de perto com o creador de *Hamlet* é no estudo da pai-

xão mais violenta do coração humano:—o ciume. Na *Cuisine Bête* por exemplo.

As maiores qualidades de Balzac são a possança e a saude do corpo, indispensaveis para supportar condignamente o trabalho titanico da composição artistica de suas obras.

A extraordinaria grandesa do plano de classificação zoologico-social, opposto como introducção á sua *Comedia humana* foi, pela sua complexidade e extemporaneidade, a causa dos deffeitos que muito judiciosamente notou o critico Sainte-Beuve.

«Se houvesse um clataclysmo social, escreve ainda o sr. Theophilo Braga n'*As modernas idéas na litteratura portugueza* vol. 1° pag. 325—semelhante ao que se deu no seculo V, quando as tribus germanicas assolaram a Europa occidental, apagando os esplendores da civilisação romana, si se eclipsasse a moderna civilisação, bastava essa estupenda epopéa burguesa intitulada *Comedia*

humana para delatar ao futuro todos os nossos progressos na riquesa, no luxo, nos costumes domesticos, na vida social e nas relações privadas, nas sciencias naturaes, nas paixões mais occultas e tenebrosas, nas grandes questões e interesses que agitam a alma humana na primeira metade do seculo XIX».

E' exacto, só com a *Comedia humana*, sem auxilio mais nenhum, poderiamos reconstituir toda uma sociedade, com as suas paixões, com os seus desvairamentos, com os seus vicios, com a sua sciencia e com a sua fé, como essa em que vegetamos

*
* *

Secundando-o na espinhosa tarefa, surgiu Gustavo Flaubert que depois de alguns trabalhos onde havia ainda muita cousa de romantismo, foi produzindo a *Tentation de Saint Antoine*, concepção violenta, quasi selvagem, onde os sub-

stantivos se atropellam confundidos com todas as especies de animaes bizarros, de bestas apocalypticas capazes de desviar a sciencia dos mais firmes e seguros zoologos; a *Salammbô*, obra de paciente investigação sobre a historia de Carthago e sua civilisação, e finalmente, *Mme. Bovary*, trabalho artistico de grande valor, que foi a victoria do seu temperamento irrequieto, nervoso e chimerico, a essa paixão requintada da arte subjectiva, da relatividade do ideal, a esse autopsia fria do organismo social.

Mme. Bovary é uma pintura minuciosamente exacta da realidade; vê-se que o romancista conheceu a sua heroina. Todos aquelles typos de pequena provincia são observados mui finamente e denotam paciencia e sagacidade psychologica. Deste livro se poderia formar a poetica do naturalismo, tal como a comprehendeu Flaubert, pois que a penna em suas mãos era como um pincel destinado a reproduzir todas as combinações

plasticas da vida e todos os sentimentos estheticos da humanidade.

*
* *

Henry Beyle, mais conhecido pelo pseudonymo de Stendahl, se bem que pela ordem chronologica devesse vir em primeiro lugar, mas que eu ponho em terceiro attento a relatividade do renome litterario, foi o mais extraordinario psychologo que jámais tem apparecido nas lettras francezas.

O *Rouge et noir*, as *Memoires d'un touriste*, a *Chartreuse de Parme* etc., são verdadeiros monumentos psycho-sociologicos, onde a emoção grita e onde a alma se retrata com a fidelidade espantosa das phototypias.

No estudo que lhe dedica nos *Portraits litteraires*, Sainte-Beuve assim se exprime:—«Imaginai um hussard, um ulhano, um corpo de cavallaria avançada, que muitas vezes vai insultar o inimi-

go até na sua propria trincheira, mas que tambem nas suas fugas e evasivas atraiçôa e aguilhôa a columna que marchava, ás vezes muito lentamente, muito paulatinamente a força de accelerar o passo:—ç'a eté la manœuvre et le rôle de Beyle; un hussard romantique enveloppé sous le nom de Stendahl, je ne sais quel manteau scandinave, narguant le solennel et le sentimental, brillant, aventureux, taquin, assez solide á la risposte excellent a l'escarmourche.»

A sua philosophia era a dos sentimentos e a das paixões arrebatadoras, e o seu processo litterario o estudo psychico das organisações febris «dessa trombeta de horrendas maldições» de que fala Shakespeare.

No *Rouge et noir,* o proprio Stendahl commentando a ultimas reflexões de Julien Sorel, exprime-se da forma seguinte: «Esta philosophia era talvez verdadeira, mas tambem de naturesa a fazer desejar-se a morte».

Nestas palavras Stendahl, difiniu admiravelmente todo o pessimismo contemporaneo, sem pensar jamais que elle seria o *cachet* das gerações litterarias que o deviam proseguir no seu processo psychico-analytico.

III

M. Guyau em seu livro posthumo *L'art au point de vue sociologique*, pag. 143—diz que o naturalismo já se havia definido por si mesmo como «a sciencia applicada à litteratura», pois que elle tem os mesmos fins e os mesmos methodos da sciencia, isto é, o mesmo methodo experimental, que, alem da observação, comprehende a experimentação e o mesmo fim, isto é, a verdade, tão exclusivamente a verdade. Infelizmente elle não accrescenta que toda e qualquer verdade.

O romancista naturalista, pois, deve ser, antes de tudo, um observador, antes de escrever elle deve faser o que Taine aconselha, amontoar

uma quantidade de notas, de pequenos factos, documentos sobre documentos. Entretanto, isso não me parece ser bastante, elle deve submetter o seu proprio trabalho á retorta da experimentação.

O observador dá, os factos tal qual os vio, põe o ponto de partida estabelece o terreno solido em que marcharão os personagens, desenvolve os phenomenos com as suas leis e institue a experiencia, isto é, faz girar em torno do seu trabalho a psychologia palpitante dos seus personagens, afim de mostrar-lhe que a successão dos factos será n'esse ponto tal como exige o determinismo dos phenomenos existentes em seu estudo.

«Sob este ponto de vista, diz o sr. Araripe Junior—*Naturalismo e pessimismo*—não resta duvida que, o estylo moderno, o estylo dos fortes, como o producto legitimo da evolução e feitura organica, não tolera nem as vacillações do pes-

simismo, nem as obscenidades de uma arte que não conhece o seu verdadeiro caminho.»

E no entretanto, é justamente o contrario o que vemos no estylo dos grandes escriptores modernos, desses que são considerados pela mocidade lettrada como os supremos chefes de uma litteratura a que chamam de realista, e que, embora represente o mal doloroso da epocha, é todavia falsa e pouco humana.

O romance naturalista propriamente, dito é um producto de determinismo litterario. «Nelle os personagens, observa o sr. F. Brunetiére no *Le roman naturaliste*, pag. 256—não são encarcerados como outr'ora no circulo estreito da familia, estão em communicação perpetua com os prejuizos, isto é, com a sociedade e com a lei.» E mais adiante:—«o que não se lhe póde negar é que, tirando-lhe della a substancia mesma do romance, estas theses introduziram-se-lhe como

um mundo inteiro de personagens que ainda não não se tinham visto figurar.»

A eschola naturalista, portanto, vem a ser essa que tudo esmiuça, que tudo investiga, tudo analysa que tudo decompõe com a flagrancia innocente com que foi apprehendida.

As grandes explosões de temperamento, o amor estudado em todas as suas ramificações cerebraes, o odio, a virtude, a luxuria, todas as psychoses e todas as nevropathias são phenomenos de psycho-pathologia e não podem entrar, portanto, na eschola *soit disant* naturalista e sim nessa outra que, embora de moldes experimentalistas, tem por fim o estudo personalisado das hypertrophias spino cerebraes, das grandes nevroses. Della nos occuparemos no capitulo referente ao *psychologismo* e *sociologismo.*

A par do naturalismo roseo das descripções das avenidas, das paysagens, do ruido nervoso das cidades, dos grandes theatros, da vida po-

pular, etc., apparece-nos tambem o da miseria, o do deboche, o do lado ruim, infecto, pòdre e visguento da sociedade. E' o naturalismo realista, o naturalismo pessimista. Tudo o que existiu não presta, é ruim o que existe e não prestará de certo o que tem de existir. E' no fundo a excentrica theoria buddhista do Nirvana, tratada com o carinho galante da arte. Schopenhauer adornado de lentejoulas e pichisbeques faiscantes.

O distincto escriptor tedesco Max Nordau no seu romance denominado *A molestia do seculo,* desenvolve com grande talento de observação essa theoria philosophica de desanimo terrivel, vinda da India, e a que têm succumbido milhares de intelligencias juvenis.

De resto, todas estas cousas têm a sua explicação, e para autorisal-a com uma opinião de todo irrecusavel, lembrarei que o phenomeno em questão não passa do que Herbert Spencer nos seus

Premièrs principes chama «um estado de consciencia em via de formação», estado um tanto diffuso, incapaz, portanto, de offerecer base ao nisus esthetico e á apprehensão dos elementos necessarios para a sua definitiva expressão.

Que é, finalmente, toda a litteratura moderna, na poësia, no romance, nos estudos psychologicos, senão o grito sobreagudo da alma do seculo, sentindo-se afundar no universal e periclitoso naufragio de todas as crenças, de todas as idéas, de todos os sentimentos? A sociedade vive e prospera, comtanto que a resultante das numerosas forças de crenças componentes da opinião publica se dirija approximadamente para a grande e luminosa região da verdade pratica, da verdade experimentada.

«Um pouco de reflexão, affirma-nos J. Sully, no seu livro—*Le pessimisme*, pag. 45—mostra com effeito que as tendencias do optimismo e do pessimismo estão por demais enraisadas na

necessidade da vida social», de accordo com a educação intellectual e com a organisação psychica de cada um, accrescento.

Entretanto, como bem pondera o sr. Ramalho Ortigão=*Hist. de um anno* in *Gazeta de Noticias*—todo o artista de hoje é mais ou menos temerario investigador do universo, regressando da sciencia, como Dante do *Inferno*, pallido da commoção do tragico desengano.

A desolação intima e profunda que constitue o cunho caracteristico dos romances desses escriptores, de todos os que nos commovem e nos interessam, porque dentre todos são elles os que mais realmente nos offerecem a imagem de nossos proprios estados nervosos, o seu apparente pessimismo, a vaga sombra de mysanthropia que envolve o seu processo de analyse e de invocação creativa, não são como alguns cuidam, casos esporadicos do mal extravagante a que podemos chamar a doença de Schopenhauer. São simples-

mente documentos artisticos da enfermidade geral do seculo. Na falta de *causas eternas*, os artistas famintos de absoluto investigam os effeitos immutaveis no que fica do homem, quando nelle se extingue a visão do infinito a saber: — a miseria das paixões, tendo por movel a fatalidrde dos temperamentos.

Tal é a base de toda a esthetica do naturalismo, no romance e no drama contemporaneo.

O naturalismo experimentalista suppõe, por conseguinte, um estado de espirito onde se é sobretudo preso e impressionado pelo lado verdadeiro das cousas. Immiscue-se em todas as suas formas e em todos os seus meios. O naturalismo pessimista preoccupa-se exclusivamente com as agonias e os estertores das almas angustiadas e com os soffrimentos dolorosos da sociedade.

O romance experimental dá-se como uma consequencia da evolução scientifica do seculo, visto que elle continua e completa a physiologia que

por si mesma se apoia na chimica e na physica. Elle substitue ao estudo do *homem abstracto,* do *homem metaphysico,* o estudo do *homem natural.*

«Submettido, observa Emile Zola no *Le roman experimental*, pag. 22—, ás leis phisico-chimicas e determinado pelas influencias do meio, elle é, em uma palavra, a litteratura da nossa idade scientifica, como a litteratura classica e romantica correspondeu a uma idade de escholastica e de theologia.....E o proprio Claude Bernard a cada passo repete esta theoria nas paginas da sua *Introducção.* Como elle proprio declara, toda a philosophia natural resume-se nisto:—prever e dirigir os phenomenos.»

Não obstante, a evolução litterario-scientifica tem nestes ultimos tempos progredido de um modo espantoso, extraordinario, graças á circumstancia de que no actual estado da sciencia e do experimentalismo, os apparelhos phychometricos dos anthropologistas deixaram de ser uma

phantasia para serem uma necessidade imprescindivel a todos os psychologos e physiologistas. «Em todo o caso, obtempera o sr. Araripe Junior—*Naturalismo* e *pessimismo*,—é irrecusavel a relação que existe entre os factos physico-chimicos e a successão de certos estados physicos, provocados pelas disposições das diversas partes de uma obra de arte.»

Eis ahi, pois, a lucta das escholas scientifico-litterarias, degladiando-se cada qual pela victoria da supremacia, lançando mão cada uma dos meios mais exoticos e mais originaes de uma arte decadente, nevropatha, desiquilibrada.

O proprio sr. Emile Zola, o arauto do experimentalismo artistico, ve-se embaraçado para definir o romance naturalista. «Se eu tivesse de definir o romance experimental, exclama elle no *Le roman experimental,* pag. 52—não diria com Claude Bernard que uma obra litteraria está toda inteira no sentimento pessoal porque para

mim o sentimento pessoal não é mais do que o impulso primeiro...O romancista experimentalista é pois o que acceita os factos provados, que mostra no homem e na sociedade o mechanismo dos phenomenos de que a sciencia é a mestra, e que não intervem com o seu sentimento senão nos phenomenos cujo determinismo ainda não se fixou.»

IV

Foi com todas essas theorias aprendidas em H. Taine quanto aos *meios*, e em Claude Bernard quanto ao processo experimentalista, que E. Zola affrontou a burguezia litteraria da França, publicando a *Thèréze Raquin, Madaleine Ferat, La confession de Claude,* etc. trabalhos cheios de observação e de estylo, bello prologo dessa projectada epopéa dos *Rougon, Macquart*, que elle teve a felicidade suprema de levar á conclusão. Zola entrou na arena, forte para a lucta que parecia renhida, mas que elle soube vencer com os seus pulsos de bronze florentino e o seu torax de romano gladiador.

O *Assommoir*, livro extraordinario onde a debatida these da influencia pathologica do alcool sobre o organismo humano chegou a sua mais elevada altura personalisada em Coupeau, onde a vida operaria de Paris apparece no deslumbramento estonteante da sua nudez cadaverica, e onde o estylo masculo do grande escriptor fascina pela minuciosa descripção das mais comezinhas cousas, foi o seu livro de luctas, o seu livro de victoria. N'elle se podia estudar a diagnose e a prognose pathologica do delirium tremens. Lombroso nota que a apparencia de certos actos bons nos criminosos é o effeito de illusões e allucinações produzidas pela acção exclusiva do alcool.

O celebre psychiatra italiano lembra os casos de Felippe e de Lucke que depois de consummados os seus horripilantes crimes viam as sombras de suas victimas. Tambem o Coupeau do *Asso-*

moir foi accommettido de allucinações e illusões identicas, em consequencia do alcoolismo.

Foi este livro que decidiu do brilhante futuro litterario de Emile Zola. Cento e tantas edições appareceram rapidamente, percorrendo o mundo com a acceleração vertiginosa, electrica, febril de uma celebridade espantosa que o seu nome então grangeára. E' que o *Assomoir* era mais que uma obra litteraria. era um livro de reacção contra o hysterico romantismo, que pelo seu sentimentalismo piégas e pelas suas imaginarias concepções e palavrosa rhetorica, já se estava tornando ridiculo.

No *Assomoir* Zola transformou a imaginação em observação documentada, abandonando inteiramente a phantasia pelo que elle chama «documento humano», visto que para elle a arte não é nada mais, nada menos do que «um canto da naturesa sorprehendido atravez de um temperamento.»

Na *Páge d'amour*, um dos seus mais mimosos trabalhos, onde ha creações inolvidaveis, descripções estupendas, observações geniaes, o typo de Jeanne, filha de Helene, é uma das observações psychicas mais completas e satisfactorias para a moderna sciencia nevrologica, no consoante á hysteria e ás hypnoses.

O *Germinal* é, a meu ver, o seu livro mais robusto. O assumpto casava-se com o seu temperamento, e a nudez e grosserias dos seus personagens nascem, por assim dizer do fundo mesmo do romance, e dão-lhe uma grande parte de sua força e de sua homogeneidade.

Zola, querendo occupar-se da politica dos operarios, creou esse Estevão Lantier, vindo de Paris com a cabeça cheia de idéas socialistas, perdido em Montsou durante uma noite fria e calliginosa, e encontrando-se com Maheu que o introduz na mina de carvão do Voreux. Elle percorre-a toda, acompanhado pela extraordinaria fi-

gura sexagenaria de Bonnemort, a personificação da dôr e da miseria, sentindo percorrer em todo o seu corpo um arrepio de horror e de medo, ouvindo o ulular agudo e perfurante do *grisou* que soprava na mina.

De volta, assenta-se do lado de fora, em Requilart, e observa o fervilhar da immundicie que entra e sae da fauce immensa do Voreux. Cria a *Internacional*, sociedade dos mineiros, e a sua idéa revolucionaria vai ganhando caminho, tomando proporções assustadoras, até que se realisa finalmente, nessa terrivel e formidavel gréve que Zola nos descreve no seu estylo allucinante e enthusiastico de gaulez

A «impulsação irrisistente» para o crime, de que falam Garofalo e Ferri, occasionada pela «lesão ancestral do alcoolismo» a que Ziino se refere na sua *Fisio-patologia del delitto*, E. Zola nos apresenta nesse mesmo Lantier, com tendencia febril para o assassinato, infeliz herdeiro pa-

thologico de uma familia de desgraçados, de quem o autor do *Padre Mouret* estudou os antecedentes vesanicos, directos e atavicos.

O *Germinal* é a biblia do socialismo contemporaneo, a epopéa do trabalho, como o *Inferno* é a epopéa da dôr.

A *Œuvre* é um bellissimo estudo de allucinação artistica, personalisada em Claude Lantier, outra victima atavica dos Rougon-Maquar, e que não é outro senão esse extraordinario colorista que se chamou Horace Vernet, esse genio doloroso de um grande pintor desiquilibrado. Neste livro o grande colorista do *Bonheur des dames* forneceu á psycho-pathologia um caso digno de acurado estudo.

O professor Maudsley nota com rasão. que o suicidio é a inevitavel e natural terminação das tristezas doentias e das allucinações artisticas pronunciadamente morbidas. E' a expressão final de uma serie de antecedentes que todos prepa-

ram; um acontecimento tão seguro e tão fatal como a morte de uma flor roida na coróla por um insecto. «O suicidio ou a loucura, eis o fim natural de uma naturesa dotada de uma sensibilidade morbida, e cuja fraca vontade é incapaz de luctar com as duras provas da vida.» *Le crime et la folie*, pag. 258.

E foi isso mesmo que Zola quiz demonstrar na *Œuvre*, apresentando-nos esse suprextesico artista, obsedado, embriagado e enervado pela sua propria concepção, victima da loucura «artistico-espiritual» de que fala ainda Maudsley na *Pathologie de l'esprit*.

Nana é a desforra violenta, a rapariga crescida sobre a torpesa social dos arrabaldes parizienses, "a mosca de ouro voada das podridões debaixo, que se tolera e se occulta, levando na vibração de suas azas o germen de destruição, excitando e apodrecendo a aristocracia, envenenando os homens só com o pousar sobre elles,

no fundo dos palacios em que entrava pelas janellas, toda uma obra inconsciente de ruina e de morte", na phrase brilhante do proprio Emile Zola.

Ha neste livro descripções verdadeiramente assombrosas, como a dos grandes *boulevards* parisienses, verdadeiras arterias, semelhando um vasto rio recebendo diversos afluentes, onde as ultimas construcções perdem-se quasi completamente no horisonte longiquo. Como que a gente sente e vê andar por elles uma onda compacta, tumultuosa, composta de estangeiros ociosos, de operarios, de agentes, emfim desta grande multidão que formiga em todas as direcções e que se acotovella, em quanto os omnibus, os bonds e os carros de toda a especie augmentam a confusão, chegando a produzir vertigens ao viajante pouco afeito ao ruido das grandes cidades.

O *Ventre de Paris*, como seu nome o indica, é a psychologia palpitante da pequena vida com-

mercial de Paris, a apologia da fome e da abastança, a eterna lucta dos gordos e dos magros. Ha alli descripções arrebatadoras, sente-se o cheiro dos chouriços nos açougues, e todo aquelle carname das *halles* produz-nos um mal estar no estomago, como se o vissemos, como se o palpassemos. E' que o seu estylo tem a força prodigiosa das illusões scenographicas.

A *Curèe*, a *Joie de Vivre* e tantos outros são uma sólida argamassa do grande edificio dos Rougon Macquart que elle foi construindo com a pertinacia herculea de uma grande força de vontade, vencendo todos os obices e desiderata que se lhe antolharam desde o começo.

A *Térre* é o estudo completo do vida aldeã de França.

Livro inxundioso de concepção artistico-scientifico, onde a natureza do humus fermenta, tem febre e allucinação como puérpera de um grande féto que lhe escouceia os flancos:—o homem, a

Terre é um trabalho notavel e ha de ser lido sempre.

O *Rêve* é a phantasia brilhante, o estudo primoroso de um realismo idéal, o colibri feito de luz, com as cambiantes polychromas do arco-iris, fluctuando nas azas luminosas do extase, sagrando tudo por onde quer que passe, a cathedral imaginaria de arrojadas flechas gothicas, abrindo no espaço a sua transparencia lactea de rendas marmoreas e de agulhas faiscantes, atravez das quaes passam todas as chammas do inferno e todos os raios melancolicos da luz crepuscular.

O *Argent* que descreve com animação e estylo a febre monetaria da Bolsa no segundo imperio francez, na vertigem allucinada pelas commoções febris das horas terriveis; como a *Bête humaine* que desenha a animalidade humanal em todos os seus periodos psychicos, desde a belfa tumida do sensualismo brutal, até o embriagamento enthusiastico de uma phantasia

louça; como a *Debacle* que fez surgir a tona do criticismo historico contemporaneo todo um mundo de contraversias, de polemicas rubras e de insultos virulentos, quando a descripção desse Bonaparte poltrão, ambicioso, ostentando ante a miseria dos seus soldados, o luxo nababesco dos reis orientaes, e quanto a pessima orientação e direcção dos generaes que dirigiam o exercito francez de então, são trabalhos magistraes e por conseguinte eternamente duradouros.

Finalmente o *Dr. Pascal*, a cupula do seu immenso edificio, a synthese retrospectiva dos seus vinte volumes, é a lucta da sciencia contra a fatalidade. Ao Dr. Pascal, que pertence á essa familia de antecedentes morbidos dos Rougon, incommoda, superexcita extraordinariamente a theoria da hereditariedade pathologica. A idéa da que a lucta, o principio da adaptação e da herança, a selecção natural é uma verdade provada, e a idéa de que elle ou os seus descen-

dentes hão de comparticipar das nevropathias dos seus antepassados, o traz n'uma angustiosa desesperação.

O Dr. Pascal, especie de Fausto solitario, muito semelhante a esses experimentalistas que conhecemos pelos nomes de Pasteur, Claude Bernard, Brown Secquard etc., segregado do mundo em favor da sciencia que lhe absorve toda a vitalidade, tem uma sobrinha, bella rapariga de carnação fresca e exhuberante, respirando a alegria da vida, a quem elle educa ensinando-lhe novos processos de coloração de flores, e que ella exagera, n'uma visão exasperada de côres vivas e impressionaveis, com desenhos imaginarios, com empastamentos violentos, phantasticos, brotados de um sonho iriante de poetisa mystica.

A educação de seu espirito forma-se n'uma atmosphera de carolismo e de atheismo, n'um conflicto desolador entre a fé e a sciencia.

Uma occasião Pascal, depois de muito procural-a, encontra-a na área de sua casa, deitada de ventre para cima, na mudez contemplativa de um extase religioso, na quietitude placida de um deliquio fakiriano, e ahi elles travam uma discussão sobre os destinos insondaveis da natureza e da impotencia da sciencia.

Elle prepara-a para casar-se com um seu discipulo e emprega toda a sua actividade, á resolução desse desideratum. Ella fraca, subjugada pelo mysticismo religioso que lhe inoculára uma velha criada de seu tio, tenta a principio a conversão do sabio ao catholicismo, no que é repellida, e por sua vez repelle o enlace a que já havia dado o seu consentimento, convertendo-se á sciencia do mestre, e entregando-se-lhe toda inteira, n'uma explosão de amor, n'um duetto interminavel de beijos e caricias, reavivando assim um desejo morto nelle e rehabilitando o seu nome potente de homem.

O *Dr. Pascal* é finalmente a synthese da sciencia moderna, a coordenação systhematica dos seus vinte volumes.

A questão social, o capitalismo, a prostituição, o alto e o baixo commercio. a agricultura, a propriedade, todos os arduissimos problemas que agitam a alma humana num descabellamento de allucinação e de loucura, todos os phenomenos importantes de hereditariedade e de heterogenia, o condicionalismo do meio, as lesões organicas, as vesanias e allucinações, a explicação physiologica dos actos da vontade como reacção sobre o maior motivo, encerrando a luz das determinações humanas; todas as theorias philosophicas e scientificas, tudo E. Zola discutio nesses vintes gigantescos e phantasticos volumes. em que estudou a genealogia completa da familia dos *Rougon Macquart*.

Em toda a sua obra, porém, apesar do pessimismo terrivel com que concebe os seus persona-

gens, num avantesma demoniaco de tortura intima, existe um fundo de verdade humana, de consolação futura:—essa esperança que nunca chega mas que se idealisa proxima, e se aguarda resignadamente como a um balsamo reconfortante, como a uma escandencia de labareda benigna, como ao soar plangente e consolador de um *angelus*. E foi nisso, a meu ver, que Zola mostrou conhecer assombrosamente o interior do homem que se diz sceptico, descrente da propria existencia, blasphemando contra as leis immutaveis da natureza, mas sentindo entretante, *quelque chose au dedans*, um quer que seja de vacuo no organismo que o superexcita e faz nascer-lhe no peito a esperança azulea de um futuro melhor.

V

Depois de Emile Zola o naturalismo tem tomado um impulso grandioso, invejavel. Os irmãos Edmond e Jules de Goncourts, por exemplo, são incontestavelmente dous enormes representantes dessa eschola.

A *Manette Salomon*, os *Fréres Zengano*, a *Germinie Lacerteux* e outros, são livros estupendos de novidades estylisticas e facundiosos de observações em *petits croquis*. A sua eschola, se bem que seja a mesma de Zola no tocante ás observações e experimentalismo, tem comtudo, uma visão esthetica mais aperfeiçoada do que a do autor do *Pot-Bouille*, e um proces-

so psychologico mais doloroso, mais febricitante, mais pessimista e mais transcedente do que todas as philosophias schopenhauristas.

Theodore de Banville definiu perfeitamente o caracter dessa fraternal collaboração que fez o assombro de Pariz, e a qual se devem algumas obras notaveis onde, depois de unificadas, não se podia descobrir mais os abalos que uma vista exercitada encontra na maior parte desses connubios litterarios.

«Almas tão estreitamente unidas, diz Banville, e entrelaçadas parece que, por assim dizer, misturaram os seus sopros. Elles têm a imaginação firme, a força creadora e o valor de dois escriptores, de dois grandes e extraordinarios escriptores...Mas elles são, elles querem ser um unico, estão habituados desde que existem pelo mais adoravel sacrificio que um ser possa fazer a outro, a vêr, a observar, a admirar, a imaginar conjunctamente, a achar juntos, ás ve-

zes ao mesmo tempo (maravilhoso prodigio de affeição!), a palavra que pintam, a phrase rythmada, as harmonias e os gritos de dores e, emfim, estas repentinas scintillações de luz e de vida que são o que o orador, o que o poeta e o que o homem tem de mais individual».

Ainda não houve occasião que eu os lesse e não sentisse a cabeça atordoada por uma qualquer cousa de novo, de bello, de extasiante, de enthusiastico que descubro sempre em seus livros admiraveis, que não sentisse sacudirem-se me todos os nervos, n'uma vibratilidade encandescente de embriaguez artistica.

Do fundo sombrio, tenebroso, espesso, pezado como o tedio. triste como a mendicidade, dos seus livros admiraveis, a acção destaca-se luminosamente, vibrantemente, e penetra-nos com a nitidez poderosa dos espectaculos vivos de uma tragedia de sangue.

Jamais o estylo foi tão rico, a phrase tão hi-

lariante, a lingua tão plastica, e tão embellecada a imagem, d'uma cinzeladura vaporosa.

Os seus talentos ávidos de novidades, rebuscando effeitos os mais excentricos e exoticos, e querendo ferir por uma originalidade archi-doida, estrangulam a voz dos sentimentos naturaes, turvam a grande veia limpida da inspiração, e immiscuem-se pela vereda fria, enervante e anfractuosa da analyse anatomica, da analyse psychologica.

E' a propria vida humana com toda a sua trivialidade real que nessas paginas sublimes perpassa aos nossos olhos, como aquellas florestas phantasticas que Shakespeare poz no sonho delirante de Macbeth.

No entretanto todos os seus livros são filhos exclusivos de uma psychose degenerativa, dessa nevrosidade cerebral que já fulminou um delles, separando-lhes a collaboração.

Eis como se exprime Edmond de Goncourt

no seu extraordinario *Journal* a respeito desse lamentavel desastre:

«Na minha opinião, meu irmão morreu de trabalho, e sobretudo da elaboração da forma, da cinzelagem da phrase, do trabalho do estylo. Vejo-o ainda retomando trechos escriptos por nós ambos, que ao principio nos tinham satisfeito totalmente, e elaboral-os aperfeiçoando os durante horas e meios dias com uma pertinacia que era quasi colera.

«Notem ainda que toda a nossa obra, e é essa talvez a sua originalidade, originalidade duramente paga, deriva da doença nervosa; porque estas photographias da doença colhemol-as em nós mesmos, e que á força de nos analysarmos, de nos estudarmos, de nos dissecarmos, chegamos a uma sensibilidade super-aguda, que os infinitamente pequenos da vida lesavam. Digo «nós»,—porque, quando escrevemos *Charles Demailly*, eu estava mais doente do que elle.»

***

Alfonse Daudet, tambem um dos coripheus do naturalismo, só differe do mestre no modo de conceber a arte.

O estylo de Zola é, como elle mesmo declara, mais geometrico, o de Daudet mais agil, mais espontaneo e tambem mais ornado, que é, entretanto, o defeito que Zola acha no seu.

O sr. Edmondo De-Amicis nos seus *Ritratti letterari* pag. 196, no capitulo referente ao autor do *Port Tarrascon* diz que «ha paginas do *Nabab* e dos *Rois en exil* que offerecem a imagem de ramalhetes de flores ou de jarros orientaes cheios de agua crystalina onde se esbate o sol, ou d'aquelles estofos chineses tão cheios de arabescos de ouro, que quasi se lhes não pode vêr a côr do tecido, e grandes periodos ondulados e sonoros, as vezes precipitados, que perturbam a quem lê e parecem sahidos de um orador no momento mais enthusiasco do improviso.»

O naturalismo de Daudét não tem a côr ne-

gra do de Zola, os seus trabalhos só vêem as cambiantes azuladas e sympathicas da naturesa. *Tartarin sur les Alpes*, por exemplo, é um livro innocente, mais um tanto mordaz na ironia gaulesa, fina e sarcastica que nos encanta e arrebata.

Sob o ponto de vista da fidelidade de reproducção, os livros de Daudet são o desespero do romancista e o cliché bem acabado da sociedade franceza, cujos habitantes de caracteres heterogeneos ora agrupam-se aqui, ora somem-se para alem das torrentes de sombra, estrillantes, esfervilhando numa onda densa de sol, como as apotheóses theatraes.

Nunca o escalpello do anatomista, nunca o microscopio do observador paciente foi mais longe na descoberta dos infinitamente pequenos, do que no *Nabab* do grande physiologista moral da França contemporanea. A illusão é completa. O Pariz dos dioramas não seria capaz de nos exhi-

bir scenas e espectaculos mais flagrantes de exactidão, desta exactidão em que se sente quasi o roçagar das folhas e o respirar dos labios. A penna de Daudet é um raio de sol que estampa com uma fidelidade completa tudo o que cahe debaixo do seu angulo de incidencia.

O *Immortel, Jack, Sapho* e tantos outros são verdadeiras obras primas da litteratura naturalista franceza. Cheios de observação, clareza e fidelidade nas descripções, escriptos com grande arte e estylo primoroso, elegante e fino, estes livros pertencem ao numero dos que «hão de ficar», na phrase feliz de Jules Lemaitre.

O *Obstacle*, drama burillado com a paciencia e o gosto artistico de um ourives da Renascença, bem como *Souvenirs d'un homme de lettres*, são verdadeiros pábulos succulentos, vivificantes, dôces e puros que o artifice do livro e o obreiro da educação artistico-litteraria ministra ao publico estudioso de dez partes do mundo,

adubando-os com um estylo fulminante, sublime, unico.

Sob o imperio da acuidade pictural que põe em movimento todos os seus livros, a phrase solta-se aligera, e vae percorrendo pagina a pagina, numa cadencia ruflante e rythmica, torcendo e lapidando enxames luminosos de vocabulos solertes, turbilhonantes, exoticos; num *crescendo* gradativo de colorações extranhas, inconscientes, como essas que lobrigam olhos dubios de louco, com as iris amarellecidas numa sclerotica vermelha de sangue vivo.

*
* *

O desventurado Guy de Maupassant, pertence tambem a essa phalange gloriosa das modernas idéas nas lettras francesas. O autor de *Pierre et Jean* (uma das obras primas da litteratura francesa no seculo desenove), *Sur l'eau, Fort*

comme la mort etc., é o mais irreprehensivel cultor da forma entre os litteratos que hão apparecido na contemporanea geração estylistica da França litteraria, e sobreleva os seus illustres confrades na maneira facil,attrahente e leve de descrever os objectos, as sensações, os desvarios e as physionomi s.

Quando escrevia elle procurava no ideal a nota do seu sentimento, rebolcando-se no azul ethereo e na luz tropical, em um estylo doido de côres estupefacientes, de tintas vividas, de colorações expectantes, na sua proverbial gymnastica de phrases e de vocabulos, n'uns tons orgiaticos de imaginação inominada.

Se o individuo é, como obtempera Sergio na *L'educazione del carattere*, pag. 49 «o centro de uma esphera, composta de espheras concentricas das quaes a mais externa e universal é o ambiente physico e o *meio* moral,» ninguem como Maupassant servirá de exemplo á difinição

do escriptor italiano, pois ninguem como elle enfluenciou-se tanto do mal doloroso deste terrivel fim do seculo, que o victimou desastrosamente.

Todo o requinte da forma na escripta, todo o candòr deslumbrante do estylo, todos os requintes e refinamentos philosophico-pessimistas que atormentam o seculo, ressumbram em seus livros que foram feitos de dores e agonias, no Maelstron lethal de uma duvida hamletica.

A sua extraordinaria obra, producto de um delirio febril de allucinado sublime, traz-me sempre a lembrança aquella explendida concepção sahida do lapis diabolico de Gavarny, nas *Toquades*:—A Loucura, segurando com ambas as mãos um craneo, por cujas fendas sahem myriades de borboletas iriantes.

⁂

A' Russia deve caber tambem um quinhão dessa innovação litteraria do experimentalismo.

N. Gogol, Tcherniaswsky, Griboidef, Pisensky, Lormontof e outros, não são em nada inferiores aos seus confrades francezes.

Leon Tolstoi, um dos mais extraordinarios escriptores das letras russas é, com Dostoïesky, a sua culminancia litteraria. Em seus trabalhos, extremamente notaveis, encontra-se um espirito de observação estranha, um sabor local esquisito, o encanto e o imprevisto do detalhe, que é muitas vezes maravilhoso, mas que pecca tambem pelo que tem de fabuloso, e pelo desfecho que se perde como n'uma especie de nevoeiro confuso. Sua obra prima, que é por seu turno, uma das obras primas da litteratura russa é a *Guerra e a paz*, onde elle esboçou os retratos os mais fielmente acabados das lettras slavas.

Não sei explicar qual a influencia que sobre mim exerce o extraordinario autor de *Anna Karenine*, que qualquer uma de suas obras traz-me

sempre á lembrança, inconscientemente, essa aurora boreal das terras polares, illuminando impassivel dia e noite, com a sua luz phantastica, o epico espectaculo da vida e da morte.

Os seus romances estão cheios de paradoxos como a *Sonata de Kreutzer*, e de verdades scientificas como a *Krotkaia*. O seu estylo, travesso e circumspecto ao mesmo tempo, tem ora a frialdade enervante e rigida das steppes, ora as scintillações rubras dos paizes tropicaes.

***

Iwan Turghenief, escriptor mixto de nihilismo e romantismo, *meliorista* na phrase acceitavel de George Elliot, foi o escriptor russo que mais trabalhou para tornar conhecida a litteratura de sua patria no centro intellectual do mundo. Graças a seus esforços, é que conhecemos esses estupendos escriptores que fulguram na constellação da mentalidade moscovita como

astros de primeira grandeza, luminosos e offuscantes, elevando-se como os deuses, no meio da nebulosa atrazada e ferrenha dos litteratos cortezãos, e dos poetas czaristas de seu paiz.

O imigrado litterato e philosopho assistio as primeiras armas de Zola e as suas fortes e dolorosas luctas. Elle foi um dos que lhe applaudiram a tentativa, por muitos repudiada e acrimoniada de insultos, e um dos primeiros que introduziram na litteratura russa o gosto pelas lettras francezas, popularisando o musculoso polemista dos *Mes haines*.

Nenhum seguramente foi mais dominado de sua obra, nenhum escreveu sob o golpe de commoções mais sinceras, nem seguio com mais solicitude, com mais lagrimas, talvez, o seu ideal. E' que Turghenief não manejava a penna por mero amor da arte, nem pelo prazer de saciar os seus instinctos poeticos. Compungido das desgraças autocraticas de sua patria, espantado

dos symptomas da politica barbara que se revelavam no seio da Russia, soltou um grito de alarma, poz patentes os cancros occultos de uma sociedade apodrecida, e verberou duramente, impassivelmente os que affrontavam a luz fulgurante do sol.

Os seus livros são a dynamisação de um grande punhado de dores, possuem paginas de uma concepção e de uma tonalidade dolorosamente tragica, profundamente elegiaca, tectricamente solemne, que nos fica vibrando por muito tempo na memoria como o echo funebre, tristonho e lugubre de um *dies iræ*.

***

Parece á primeira vista haver inteira similitude no processo empregado pelos russos e francezes na confecção dos romances experimentalistas Não obstante existir muita, ha comtudo entre elles differença bastante capital. Os natu-

ralistas francezes, com orientação experimentalista muito mais vantajosa, forjam os seus romances no methodo empregado pelos evolucionistas, tendo por fim a fatalidade do determinismo. Os russos, deixando de lado as investigações physiologicas intromettem-se pela velha theoria de Schelling, segundo a qual «o mundo ideal da arte e o mundo ideal dos objectos são productos de uma unica e mesma actividade, sem consciencia do mundo real com consciencia do mundo esthetico»—*Système de idealisme transcedental* pag. 349.

O orgão geral da philosophia e o desfecho da abobada de todo o edificio litterario da Russia é a philosophia da arte. Elles são mais obsedados pela arte litteraria do que qualquer outro povo do Occidente.

«Verdadeiros artistas, escropulosissimos buriladores do vocabulo e da phrase, os russos procuram dar á aspereza do seu idioma a flexibili-

dade e sonoridade das linguas latinas», observa o celebre critico Ernest Dupuy em seu livro *Les grands maitres de la litterature russe.*

Nos éstudos psychologicos individualisados elles sobrepujam os francezes em todos os pontos de vista. E' assim que a França, não obstante ser o empório de todos os grandes emprehendimentos da intelligencia humana, não possue um psychologo da força de Setchnoff e um philosopho criminalista da altura de Minsloff.

VI

A esthetica e em geral toda a arte é um esforço para reproduzir os seus sentimentos affectivos. Se bem que os anatomistas de hoje empreguem nas suas laminas a photographia ou a photogravura, visando a mais escrupulosa exactidão na reproducção da natureza, os anatomistas dos seculos precedentes, que eram, entretanto, sabios e não artistas, não sonhavam senão a phantasia e a imaginação exclusivamente. O gráo de realidade que contem uma obra de arte não tem importancia esthetica senão porque concede-nos medir o poder de penetração, que era necessario e a força de imaginação que permit-

tiu a reproducção com um relevo que admiramos, que enaltecemos.

A maneira de photographar a natureza das cousas, como a natureza das paixões com a fidelidade escrupulosa de um crente, não deixando escapar os menores symptomas psychicos ou physiologicos, produziu essa nova escola litteraria a que deram o nome vago de *psychologismo.*

Graças a ella e ao *sociologismo,* isto é, ao estudo social em massa, ao estudo litterario-individual, debaixo do ponto de vista do meio, da raça, do momento e do temperamento, cujo axioma se resume no problema que consiste em saber o que tal ou tal paixão, agitando em tal meio e em taes circumstancias, produzirá sob o ponto de vista do individuo e da sociedade. Graças a estas escholas, podemos nos tripudiar de jubilo por ver litterarisados os trabalhos dos physiologistas e psychologos modernos.

O processo verbal da experiencia que o ro-

mancista repete sob os olhos do publico, e a resolução dos problemas ethnographicos e sociaes são a base e o fundo do romance dito sociologico.

A theoria da arte moderna, irrecusavel no seu temperamento capital, debate-se todavia no campo das hypotheses,quanto ás questões accessorias em que se subdivide, emquanto as sciencias com que mais immediatamente se corresponde, e especialmente a physiologia-psychologica, não attingirem a um gráo de desenvolvimento que permitta resolver as conjecturas pelo criterio positivo, ou pela fatalidade do determinismo.

***

O maior representante do psychologismo litterario na Europa é, sem duvida alguma, o russo Dostoïeski que produziu verdadeiros tratados de psycho-pathologia criminal, e de analyse expe-

rimental das sensações,em trabalhos como as *Recordações da casa dos mortos,* o *Idiota,* o *Espirito subterraneo,* os *Irmãos Karanrasow* e outros muitos.

O *Crime e castigo,* notavel estudo psychologico de um homicida da mesma eschola dos nihilistas, é o livro mais extraordinario que existe em litteratura moderna, no que se refere ao estudo acurado, investigador e percuciente de todas as explosões da alma humana, desde o odio mais feroz, até o amòr mais sublime.

Dostoïeiski tem muito de Kant quanto á percepção logica dos factos, e muito de Shakespeare quanto á analyse profunda e esmiuçante do desabrochamento das paixões. Todas as suas obras têm um cunho genial de epopéa, estão cheias de visões, de allucinações,de idéas fixas, de Macbeths e Lears dos nossos tempos; são *féeries* apavorantes de excentricidades psychologicas, expandindo num delirio allucinante ou

n'uma orgia descabellada de cupidez infernal, toda a escala chromatica das sensações humanas.

No *Crime e castigo* é que transparece em maior quantidade toda a sua pujança herculea de um grande artista e de um grande philosopho de genio desiquilibrado. O heróe, triste heróe do livro, Raskolnikoff, é um estudante pobre, que se sente humilhado por estar sobrecarregado com a penosa obrigação de sustentar a sua velha mãe e uma irmã. Elle pauperrimo, tenta a principio resignar-se, mas o dinheiro falta-lhe de todo, e esse mesmo só lhe emprestava uma sórdida usuraria com juros fabulosos. Um dia, depois de premeditações febris, violentas, quasi selvagens. Raskolnikoff, em lucta com a sua educação, com os seus impulsos nobres, com a acção social do seu meio, fraqueja e assassina-a.

Condemnado, segue pára a Siberia e ahi o seu ser dissolve-se na essencia pura de um amor

sincero, ideal e sublime de dedicação e reconhecimento pela filha de Marmeladoff.

A sua figura assume proporções assustadoras, phantasticas, hypnoticas, e as paginas das descripções dos seus desvarios e allucinações produzem nos febres e arrepios aterradores.

Tudo isso é escripto n'um estylo pujante, arrebatador, com as cores mais rubras, com as tintas mais fixas e impressionaveis e com as colorações mais exoticas, vibradas pela sua atormentada e pungente sensibilidade de pessimista incuravel, roido até a medula por essa especie de morbus philosophico—indiano, mediador—plastico entre a morte e a loucura.

O *Crime e castigo* não é somente uma das obras mais notaveis do romancista slavo, é tambem uma das suas obras mais substanciaes e mais scientificas.

Elle é, como bem pondera o distincto escriptor Melchior de Vogué no *Le roman russe*, «o

mais poderoso estudo de psychologia criminal que se tem feito depois de Macbeth». E o celebre criminalista francez Berard de Glajeux em seu ultimo livro *Les passions criminelles* pag. 49, fazendo a apologia do *Crime e castigo*, diz que Dostoïeski deveria intitulal-o de «tratado de concepção criminal no cerebro humano» tal é a grandesa de suas observações psychicas.

O distincto escriptor russo é uma figura isolada nas letras européas, elle é como um oasis fertillissimo, cheio de uma agua cristalina e pura, que nos sacia a nós que, sahindo de Shakespeare, chegamos extenuadissimos e exhaustos, depois de termos, em vão, procurado mitigar a sede do nosso espirito por todo este deserto complicado e extenso da litteratura comtemporanea.

Até nos seus personagens secundarios Dostoïeski mostra a mesma paciencia de analyse, o mesmissimo poder de evocação, que assombra o

mais impassivel soffredor, para quem os grandes golpes são brincos de creança.

As *Recordações da casa dos mortos* podem, como bem pondera o professor Clovis Bevilaqua em seu livro *Epochas e individualidades*, pag. 194 —figurar brilhantemente n'uma estante, ao lado da *Craniologie des assassins* de Ardouin e dos *Caracttere dei delinquenti* de Marro.

*
* *

Paul Bourget, novel e já famoso analysta psychologo, tem por sua vez produzido trabalhos excellentes de critica, e romances explendidos de observação inter-individual, de investigações passionarias, num estylo tumultuoso, excachoante, sonoro, flexivel, meridional, que acompanha, como um violino, todos as cambiantes, todos os arabescos e todas as silhuetas do seu espirito irrequieto, numa adjectivação nervosa de poeta romantico.

O *Cœur de femme* é a dissecação fibra por fibra, desse precioso musculo que tanto enaltece o sexo fragil. O interior do coração feminino pintado por Bourget semelha-se a um immenso bazar egypcio, a um mostrador ideal, a um phalansterio de agonias, de amores, de sensações e desconsolos, em que se confundem num grande aperto, a noiva, a mãi, a esposa e a viuva.

O *Disciple*, as *Mensonges*, (livro paradoxal mas brilhante) *André Cornelis*, *Terre Promise*, bem como *Physiologie de l'amour moderne*, *Etudes et portraits*, *Psychologie contemporaine* etc., são trabalhos estupendos de concepção artistico-scientifica e de uma finissima percepção esthetica, mas todos algum tanto eivados desse terrivel buddhismo litterario, desse compadecido desolamento intellectual de fim de seculo. Nelles cabriolam, com verdadeira arte clownista, milhares de paradoxos que se entrechocam, que se unem, que se agrupam num *brouhaha* infernal

de phrases e conceitos, num *sabbat* férico de extravagancias philosophicas, vibrando intensamente todos os dolorosos problemas que agitam a alma moderna, tocando subtilmente, vaporosamente nos mysteriosos arcanos de incoercivel amargura, deixando-nos transparecer a cada espaço, nesse documento extremamente pessoal, que constitue a grande e irresistivel seducção de toda a obra de arte destes ultimos tempos doentios, o seu proprio coração ulcerado, cruelmente desilludido, cercado de uma duvida terrivel.

Discipulo de Taine, Paul Bourget applicou cégamente em seus livros as theorias do mestre, onde ha um pouco do stoicismo de Spinosa, do pessimismo de Schopenhauer, do nihilismo de Sthendahl e do delettantismo de Renan. A bom tempo, porem, o filho intellectual do autor da *Philosophie de l'art* compenetrou-se da inexequibilidade da applicação da theoria da inacção nas observações artisticas, e rompeu contra o velho

mestre abjurando completamente todas as suas theorias de naturalismo artistico e philosophico, no seu extraordinario e bellissimo livro *Cosmopolis*.

*
* *

Seguindo-lhes os passos na celebridade, em Inglaterra, vemos a darwinista George Elliot, delineando com um talento verdadeiramente genial (no que pese ás considerações ultimamente feitas pelo professor Lombroso na *Revue des revues* de 1.º de Agosto deste anno), explendidas monographias psycho-physiologicas, atirando-as ao publico legente,com o modesto receio das individualidades ainda não estragadas pelos encomios, causando o assombro e o enthusiasmo nas rodas litterarias de Londres e Pariz.

«Eu não encontro uma fonte de perenne interesse, exclama ella, nessas representações fieis

de uma monotona existencia domestica, que foi o quinhão de um grandioso numero de meus semelhantes, do que numa vida de opulencia ou de indigencia absoluta, de soffrimentos tragicos ou de acções esclarecidas... Eu não desejaria, mesmo se me fôra dado escolher, ser a habil romancista que pudesse crear um mundo de tal fórma superior ao em que nós vivemos, do que o que sou actualmente, isto é, uma investigadora sciente e consciente das hypnoses e das psycho-nevroses... Eu não aspiro senão representar fielmente os homens e as cousas que se reflectem no meu espirito, sinto-me firme para mostrar-vos este reflexo tal qual está em mim, com tanta sinceridade como se eu estivesse em alguma audiencia como testemunha depondo sob juramento.»

Os seus trabalhos, verdadeiros documentos nevropathicos, escriptos com o carinho impeccavel da arte, com a calentura rigida do sangue

britanico, têm as scintillações fulgurosas dos diamantes aos raios do sol. Ella é uma das escriptoras mais escrupulosas no consoante ao colorido descriptivo e á uberdade efflorescente de novidades sensacionaes e emocionaes

*
* *

Immensa já se vae tornando esta phalange gloriosa do naturalismo experimentalista. Armand Sylvestre, Catulle Mendés, Hector Malot etc., na França; Emilia Pardo Bazan, a celebre romancista gallega a quem E. Zola chamou de George Sand da Hespanha, e mais alguns no reino de Aragão; G. Verga e outros na Italia, Teixeira de Queiroz, Luiz de Magalhães. Eça de Queiroz etc., em Portugal, e muitos outros têm interpretado o naturalismo a seu modo, mas todos com grandes talentos e extraordinaria habilidade artistica.

Resta-nos fallar de J. K. Huysmans, fiel ao summario por nós opposto no primeiro artigo deste ligeiro e defeituoso estudo.

Foi de uma grande sorpreza o apparecimento dos *Croquis parisiens*, do *A rebours*, do *Un dilemme*, de *L'art moderne* etc., no centro litterario de Paris. Julgava-se serem aquellés livros, trabalhos de escriptores já conhecidos do publico, e o nome que os encimava um simples pseudonymo. Todavia Huysmans fez-se apresentar aos coripheus do dia, aos directores intellectuaes da *Ville*, e immediatamente o seu nome teve a consagração do merito e o respeito que reclamava o seu grande, o seu admiravel e extraordinario talento. Desde então a sua figura tornou-se um sèr unico nas lettras francezas, uma especie de divino somnambulo, crystalisando dôr a dôr, pagina a pagina, na sua propria alma, como num escrinio, a força de concentração, o grande ideal do amor absorvente, a grande lucta secular do

espirito e da materia, no transcendentalismo doloroso de uma philosophia lymphatica e doente, preoccupada com as obsessões tenebrosas das suas incertezas.

Seus romances têm, todos entre si, debaixo de uma apparente diversidade, uma semelhança sorprehendente. Seu fundo commum é a insipidez monotona da vida, a inutilidade do encadeiamento, o mau exito de todos os esforços: eis o thema pelo qual o autor se compraz constantemente. Seus principaes personagens, depois delle haver tentado em vão crear-lhes uma existencia menos fastidiosa, do que as que levam, resignam-se a ficar o que haviam sido anteriormente. Um exemplo, o celibatario das *Sœurs Vatard* atravessa todo o percurso do volume em torno de um casamento que pretende e que não consegue; depois de uma grande reflexão desiste do enlace e persiste solteiro.

Lá bas, sua obra prima, é um trabalho de

grande transcedencia psychologica, alliada ao mais terço e flexivel dos estylos e á mais rythmica e cantante das linguagens.

Neste livro extraordinario de profundo estudo de psychologia intima, Huysmans faz-nos transparecer todas as modalidades porque passa a alma humana, especie de um thermometro arrazoado ou desarrazoado, conforme os gráos que lhe faz marcar a paixão, este mercurio poderoso que penetra até a medula dos ossos.

E' que o celebre escriptor, pondo de lado as extravagancias litterarias que infelizmente assolam o Paris intellectual moderno, encerrou-se no seu gabinete de trabalho, a estudar os grandes mestres, e a produzir esses livros admiraveis em que estuda a lucta da alma com a alma, o conflicto das grandes paixões que nos encantam, que nos enthusiasmam, que nos enlevam, e que tanto se differem dessas inutilidades nevropathas, desses livros inexpressivos, doentios,

impertinentes, *surmenés* como os qualifica Max Nordau no seu recente livro denominado *Degenerescence*, hystherisados n'um bysantismo de requinte, sem sinceridade e sem sentimento, que formam a caracteristica litteraria deste desolador *fin de siècle*.

VII

Não ha por ahi quem não affirme, em se tratando da nossa intellectualidade, que somos um paiz de barbaros onde nem siquer os requicios das civilisações européas e americanas echoam brandamente. E no entretanto, máo grado o palavriado estulto d'esses gratuitos affirmadores, nós tivemos o romantismo na mesma epocha que surgiu na Europa, e as sciencias naturaes, philosophicas e historicas tiveram representantes eminentes, a quem de certo as fulgurações dos seus similares de alem mar não empanariam.

Quem quer que lêr attenciosamente a *Historia da litteratura brazileira* de Sylvio Roméro,

os estudos e escriptos de Pereira da Silva, Fernandes Pinheiro, Mello Moraes Filho, Ferdinand Wolf e de tantos outros, verá que muito ao envez de uma pobreza intellectual, tivemos homens da estatura dos irmãos Andrada, de Conceição Velloso, de Gregorio de Mattos, de Odorico Mendes, Sotero dos Reis, etc., distinctissimos todos pelos seus grandes talentos e alta sabedoria.

Um facto bastante caracteristico se nos antolha no problema da formação da nossa nacionalidade: é que ainda não temos bem definido o nosso caracter ethnico, e nem tão pouco temos bem estudado a nossa psychologia social.

Como é sabido, nós os brazileiros somos o producto immediato das tres raças que constituiram a nossa nacionalidade, o branco portuguez, que, como bem diz Sylvio Roméro, é «um resultado complicadissimo da historia», o preto africano e o indigena selvagem americano, que por sua vez produziram esse hybridismo ethnologico

conhecido por mameluco, curiboca e mestiço, ou simplesmente mulato. Attendendo-se ao factor *meio*, que em sociologia e em litteratura pode-se determinar pelas differenciações climatologicas, pelo aspecto topographico e geologico da região e pela alimentação de seus habitantes, teremos ainda que separar o homem do norte do homem do sul, individualidades heterogeneas entre si, que se separam de um modo extraordinario, quer, psychica, quer physiologicamente.

Parece-me bastante impossivel definir-se com acerto o que venha a ser o brazileiro. Se eu tivesse de o fazer não diria certamente com o sr. Sylvio Roméro—obra citada vol 1.º pag. 56—que o brazileiro é «um ser desiquilibrado, ferido nas fontes da vida, mas apto para queixar-se do que para inventar, mais contemplativo do que pensador; mais lyrista, mais amigo de sonhos e palavras retumbantes do que de idéas scientificas e demonstradas», porque me parece que essa

deveria ser a descripção psycho-physiologica da população lymphatica, hystherica do norte, e nunca do brazileiro em geral. Contra essa difinição protesta solemnemente a população plethorica e musculosa do sul. cuja organisação physica e intellectual, modo de vida etc, etc., são extremamente desiguaes ás dos seus irmãos do norte.

Abandonando de todo o indio, pois que a sua influencia, no caracter nacional é nulla, quasi nenhuma, investiguemos rapidamente o papel do preto na civilisação e organisação da patria brazileira.

Quando affirmamos que o elemento indigena è nullo na formação de nosso caracter ethnico, pois elle só apparece taxeonomicamente, não fazemol-o por méra phantasia e sim por estribarmo-nos na historia e nos factos E' incontestavel que o ramo americano, que se relacionou com o europeu durante os primeiros tempos da con-

quista, de ha muitos annos se pode considerar inteiramente fóra das nossas relações de familia e de sociedade. E nem podia dar-se o contrario, visto que não eram muito numerosos os indios, e destes quasi todos cahiram destruidos em guerra de exterminio, quer entre elles proprios, quer entre os portuguezes.

O celebre escriptor maranhense João Francisco Lisboa, refutando o padre Antonio Vieira e outros historiadores que dão avultadas proporções á população braziliense no tempo do descobrimento do Brazil, faz as seguintes e judiciosas reflexões: «Que população encontrou aqui Claudio d'Abbeville? doze mil almas na ilha (referia-se á S. Luiz do Maranhão), e cerca de dez mil em Tapuytapéra e Cumã. Quantos poude mover Ravardiére contra os seus figadaes inimigos os portuguezes? dois mil da ilha e seiscentos de Cumã. Assim se quarenta annos mais tarde, André Victal de Negreiros, portuguez inimigo

dos Tupynambás, ao revez de Ravardiére que era seu grande amigo, apenas poude pòr em campos oitocentos homens, segundo affirma Vieira, o facto é natural, e conforme a população anterior, nem ha mister para ser explicado que se admitta a hypothese absurda e monstruosa de uma matança annual e regular de cincoenta a cem mil indios, durante o espaço de quasi meio seculo.

Mas ainda admittindo que o ferro e o fogo os dizimou pelo littoral, porque rasão ainda hoje são tão raros nestes vastos sertões por onde vagueiam livremente ? Apenas um ou outro viajante transita a espaços, e sob a sua tolerancia, pelo meio delles, sem de nenhum modo os molestar; e não consta todavia que alguem os visse e contasse jámais senão por centena, e, a muito estender, por alguns milhares.

E' tambem manifesto que as imigrações frequentes e forçadas, a que andavam affeitos, a

penuria e a fome, a que tantas vezes se viam expostos, e sobretudo a guerra incessante e incarniçada que uns aos outros se faziam, nem só eram obstaculos permanentes a que a população pudesse medrar e florescer, senão que vieram afinal a ser causa de sua total extincção.» *Obras,* vol. 2.° pag. 235.

Isto somente prova que ha muito o indio escapa ás nossas relações, e que a sua contribuição para a formação do caracter nacional tornou-se afinal nulla, quasi nenhuma, desde talvez os principios do seculo passado. O mesmo entretanto não acontece á raça preta, esse doloroso problema ethnographico, essa raça desgraçada que serviu por muito tempo de pábulo ás especulações torpes de um commercio aviltante.

Como é sabido, a raça preta não só tem modificado o caracter nacional, mas tem até influido nas instituições, nas lettras, no commercio e nas sciencias do paiz.

De resto, não foram diminutos os subsidios prestados pelos negros nos primitivos tempos do trafico africano, depois da acquisição do Brazil por parte dos europeus. Os nossos historiadores são todos unanimes em exaltar-lhes a grande contribuição na formação ethnographica e ethnologica da nacionalidade brazileira.

Nas guerras de conquistas, a defesa do paiz foi feita pelos portuguezes alliados a muitos negros e a muitos poucos indios. Demais a emigração constante do indio, e a grande massa da população africana que penetrava nos principaes estabelecimentos coloniaes do Brazil, como a hulla no ventre das caldeiras impulsionando de modo extranho e assombroso a nossa lavoura, devia actuar no caracter do nosso povo

«Se exceptuarmos essas industrias infantis, mas de immediata utilidade nos nossos usos domesticos, as quaes os portuguezes tomavam logo

aos indios, pouco mais deixaram estes da sua vida espiritual e social ao brazileiro.

Grande parte das superstições dos pretos está no intimo das nossas familias: das superstições dos indios muito pouca Suas tradicções e lendas nós devemos aos poetas e aos viajantes que as recolheram dos proprios indios nas aldeias, e não do nosso povo que as desconhece. O preto está ainda na familia, nas ruas, na roça, nos estabelecimentos publicos, no exercito, no commercio; acompanha o brazileiro do berço a sepultura.» Franklin Tavora Notas bibliographicas in *Revista Brazileira*, vol 3º pag 425

E' entretanto uma consoladora verdade, que esse elemento ethnographico não será daqui alguns annos mais que uma triste lembrança, uma simples curiosidade archiologica.

Na lucta pela vida das raças predominará certamente a branca, que é a mais forte e por conseguinte tem todos os elementos de victoria.

Certamente que o brazileiro daqui a cincoenta annos será muitissimo diverso do actual no tocante á raça. A extraordinaria quantidade de immigrantes italianos, turcos, allemães e hespanhóes que tem invadido o sul do Brazil, desenvolvendo a nossa exhuberante lavoura, dando um impulso febril a industria, ao commercio, e largo incremento ás nossas cousas em todos os ramos da actividade humana, mesclando-se com as nossas familias, produzirá forçosamente um povo artista, pensador e o que é principal, activo.

Desse conflicto ethnographico a que está sujeito o povo brazileiro, surgirá uma raça mais pujante de que todas as existentes, de actividade mais complexa que a dos yankees e de intelligencia superior a dos europeus. Deveremos isso aos tres climas que predominam no nosso solo.

E' indubitavel que o habitante do sul, viven-

do sob um clima frio e sustentando-se de substancias analeticas, pesadas, será mais forte de musculatura, terá a pujança varonil do peão aspirada nos pampas do Rio Grande e nas campinas de Minas e São Paulo. A sua actividade sobrelevará a do seu irmão do norte, a sua intelligencia será mais real, mais pletorica e mais pesada, por conseguinte mais humana; ao passo que o habitante do norte, florescendo na estufa torrida do equador, na languescencia voluptuosa e enervante de um clima abrazador, alimentando-se com substancias amylaceas, pouco nutrientes, possuindo uma imaginação mais ardente, mais febril, mais nervosa e mais irisada, inoculado desde o berço desse *morbus* sentimentalista que caracterisa os povos meridionaes, será poeta, nevrosthenico, inventor, artista, estará constantemente cheio de novos ideaes, pingue de novissimas concepções. E' que os climas quentes têm, como bem pondera o illustre hy-

gienista Michel Levy, a propriedade de enlanguecer o organismo humano e de exaltar-lhe a imaginação, em constante ebulição, e a intelligencia viva e penetrante; ao passo que os climas temperados e os frios rebustecem-n'o corporalmente, activam-n'o ao trabalho grosseiro e apoucam-lhe a intellectualidade, pondo-lhe um freio.

Este phenomeno sociologico do conflicto das raças e da adaptação climalogica, unico até agora provado scientificamente, como bem procura demonstrar o illustre scientista Gumplowiez em seu recente trabalho *La lutte des races,* é certamente bastante curioso entre nós que, alem de uma heterogeneidade ethnographica, possuimos o mulato, o curiboca e o mameluco, resultado da fusão de tres raças, que tendem a desapparecer, e todas as zonas climatericas em que pode medrar a flor humana.

Estou por demais convencidissimo de que o notavel philosopho allemão ver-se-hia embaraça-

do se tivesse de classificar ethnographica e ethnologicamente o povo brazileiro, tirando uma illação sociologica do seu futuro.

Um outro facto não menos curioso observa-se na ethnographia braziliense e vem a ser o do phenomeno physiologico do atavismo.

E' o caso da profunda differença dos nossos habitos, usos etc. com os dos portuguezes (herança directa), e o da semelhança senão perfeita, ao menos approximada com os dos hespanhoes. (Herança regressiva, atavismo).

No Brazil tudo o que veio do velho reino transformou-se desde a lingua que se tornou mais meiga e flexivel, e augmentou-se com um vocabulario riquissimo de termos indigenas, africanos e outros criados pelo povo, a ponto de termos um diccionario exclusivamente brazileiro, até o modo de sentir dos nossos escriptores e poetas.

A lingua portugueza transformando-se entre

nós não perdeu, entretanto, o seu caracter organico, apenas adaptou-se ao caracter do ideal e do pensamento do nosso povo, modificando-se á influencia catalyptica da terra, e á acção irresistivel de um clima differente do paiz em que brotára, e de uma outra mentalidade e emocionalidade. Ella resintiu-se tambem do phenomeno semeiologico de que nos falla o illustre L. Setembrini nas suas *Lezioni di letteratura italiana* nas paginas referentes a erupção do movimento romântico-litterario em seu paiz: «La lingua non muta sua natura organica per nuove parole che ella riceva, ma per mutamento interno del pensiero» Vol. 1°, pag. 19.

De resto, como bem conjectura algures o sr. Araripe Junior, o facto de no Brazil quasi todos os escriptores escreverem com grandes incorrecções, facto este que se repete constantemente, denuncia a existencia de uma lei, a qual se

liga estreitamente a contextura do espirito da *terra*, do espirito nacional.

A nossa extraordinaria approximação physica com os castelhanos è facto constatado por quasi todos os escriptores observadores — comparativos, que se têm interessado pelo estudo do nosso povo e da nossa psychologia nacional.

E' assim que aos viajantes aventureiros hespanhoes muito se assemelham os nossos arrojados jangadeiros do norte.

Os nossos typos de homem e de mulher, o gosto pelo vestuario etc. são quasi que a reproducção fiel dos madrilenos. Os nossos *lundús* e fados populares etc. mais se approximam dos seus congeneres hespanhóes e bastante se differem das xacaras portuguezas, e dessa insossa e tão caracteristica *canna verde*.

Muitas cousas porém, é forçoso confessal-o, houvemos directamente dos luzitanos. Foi delles que herdamos esse abençoado sentimento da ca-

ridade que tanto nos engrandece aos olhos das nações civilisadas, e o arraigado amor pelo lar, e especialmente pela familia.

Isto é sem duvida um symptoma que muito ha de desvanecer a essa gloriosa nação portugueza, que se fez a hegemonia das nações européas na Idade Média, e a raça, a mais valorosa e a mais brilhante dos conquistadores maritimos.

VIII

Dir-se-ha, ouvindo falar-se em naturalismo brazileiro, que elle não existe e que não temos siquer para consolação da nossa exigencia intellectual um só livro que preencha de modo satisfactorio todos os requisitos da eschola, quer no apuro eucharistico do estylo, quer na applicação do estudo das sciencias experimentaes e das nevroses e psychoses que atormentam todos os cerebros pensantes, ávidos de novas investigações, de novos ideaes e de novas descobertas.

Quem, ao ouvir essas exclamações, se der ao cuidado de investigar o que possuimos no genero, não deixará de encontrar rasão no in-

terlocutor, reclamando comtudo alguns applausos para as muitas tentativas auspiciosas que têm apparecido, algumas ingenuas certamente, outras, porem, de não pequeno merecimento, seja pelas theses que desenvolvem, seja pelo rendilhado e quilotamento do estylo ou seja ainda pela interpretação philosophica ou scientifica do personagem, em torno do qual se convergem todas as attenções durante o completo periodo da sua gestação e do seu desenvolvimento psychologico.

Entre os nossos homens de lettras que cultivaram o romance alguns houve que escreviam por deleite, sem a minima preoccupação de escola nem tão pouco do castigo rigoroso do estylo que neste fim de seculo tem chegado a um tal gráo de perfeição, que se pode dizer—mais um passo acima e o abysmo se apresentará subitamente, produzindo o seu aniquilamento inevitavel, fatal.

E' assim que Manoel de Almeida, no seu livro *Memorias de um sargento de milicias* e Velho da Silva, na *Gabriella* tentaram a pintura descriptiva dos usos, costumes e epocha dos nossos tempos coloniaes, querendo por essa forma resuscitar a chronica, aproveitando a tradicção viva dos poucos espectadores que ainda sobrevivem e que já se vão desapparecendo.

Velho da Silva, apesar da sua tentativa, não produziu senão uma chorographia imaginaria da cidade do Rio de Janeiro, exaltando os feitos desse povo extorquidor da nossa seiva e da nossa victalidade em prol de uma dymnastia adoentada, maniaca e anti-patriotica, que por sua vez não vacillou em presentear com os seus poderosos dominios americanos, asiaticos e africanos, o padrão mais glorioso da raça latina, ao ambicioso povo britanico, em troca de um pretenso auxilio para a salvaguarda de um throno, que desse modo se desvalorisava, impellindo a

nação portugueza para o barathro profundo do desespero e da agonia.

Alem da falta absoluta de uma originalidade que caracterisa quasi toda a producção litteraria, a *Gabriella* é escripta n'um vernaculo pedantesco, n'um estylo bordalengo de quinhentista, que irrita a nossa sensibilidade nervosa, afeita com os primores artisticos do mais acurado lavor linguistico e do mais extraordinario Celine da linguagem, e já um tanto acostumada a saborear esses livros escriptos com um requinte artistico de parnasiano impeccavel, que nos fortificam e consolam como aquelles decantados ágapes religiosos da Idade-Média.

Manoel de Almeida no estylo despretencioso e fluente do seu *Sargento de milicias,* escripto *au jour le jour,* para ser publicado em folhetim, fez um bom livro no tocante á simplicidade e elegancia de expressão, na felicidade de algumas descripções e na pintura de certos personagens,

como o do Sargento e o de sua mulher, o do celebre Vidigal, o terror da população; que sempre se nos apresentam, quando tentamos uma recordação do livro, ou quando pronunciamos o nome do auctor.

Se o *Sargento de milicias* fosse elaborado por um artista zeloso, por uma dessas organisações robustas para quem as lettras são um glorioso *metier* e não um passatempo elle seria ainda hoje o primeiro romance nacional, pois que nenhum dos existentes o sobrepuja na maneira brasileira de sentir e descrever as nossas cousas, no modo brusco de colorir os nossos costumes e de sorprehender o interior de nossas casas,na convivencia intima e honesta das nossas familias.

O sr. Joaquim Manoel de Macedo que viveu, pode-se dizer, das suas locubrações litterarias produzio, além de trabalhos historicos e geographicos, uma duzia de novellas quasi

todas deficientes, sem uma these, sem um methodo preconcebido, sem um fito social e sem uma orientação artistica pela qual se lhe possa estudar o caracter litterario. As suas melhores novellas *Moreninha e Moço louro* peccam pelo que têm de inverosimil e de incongruente. Fatigam pela ingenuidade feminil com que são feitos e tratados os personagens e pela tautologia irritante de exclamações pueris.

Os srs. Escragnolle Taunay, Teixeira e Souza, Joaquim Norberto e alguns outros cultivaram o romance tradicionalista tendo por base a nossa historia, e produziram umas novellas insossas, sem originalidade, muito frias, sem arte e incolores.

A não ser a *Retraite de Laguna* do sr. Taunay que pinta com imparcialidade e patriotismo esse facto heroico do povo catharinense, não sei no que reside o merecimento das elaborações dos outros dois escriptores.

A *Historia da conjuração mineira* do sr. Joaquim Norberto, para se avaliar do papel historico do legendario Tiradentes e dos documentos consultados, basta que se diga que ella foi obra de encommenda do sr. D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brazil, cidadão suspeito por conseguinte.

Gonzaga ou a Conjuração de Tiradentes de Teixeira e Souza, é um livro massudo, sem estylo e sem *ficelle*, escripto num portuguez incorrecto e desataviado. Dos seus romances prefiro as *Fatalidades de duas jovens*, embora escripto *á manière de Ponson*.

O sr. José do Patrocinio cultivou tambem o romance historico, dando-lhe, porem, uma feição mais litteraria que a dos precedentes e desenvolvendo algumas theses com uma philosophia toda idéal e poetica, com uma logica intuitava de compaixão.

E' assim que no *Motta Coqueiro*, o seu me-

lhor trabalho, elle procura um argumento vigoroso e concludente contra a pena de morte e fal-o de um modo elegante, é certo, mas num palavriado rethorico a Vitor Hugo, num gongorismo academico de phrases bombasticas, e sem uma só consideração scientifica.

N'*Os Retirantes*, que é um bello livro de estylo, onde a sua imaginação encandecente de mestiço equatorial descreve, numa epopéa brilhante de tintas e de phrases,os paroxismos e os estertores escruciantes desses cearenses acossados pelo flagello hediondo da secca, falta não obstante, o cunho artistico indispensavel em trabalhos deste genero.

E' de lamentar-se profundamente que José do Patrocinio não trabalhasse numa obra semelhante a da autora da *Cabana do pai Thomaz*, inteiramente de propaganda abolicionista, elle que foi o S. Paulo da raça preta na America do Sul.

Franklin Tavora creou o nosso romance de costumes campezinos, escrevendo tres volumes com o sub titulo de *Litteratura do Norte.*

O *Matuto* que phothographa com felicidade o typo de um desses homens rudes, creados no interior dos nossos Estados, alheios ao menor movimento da civilisação e do progresso, vivendo a vida rural dos primitivos habitantes numa vegetação inconsciente de irracional, é incontestavelmente um bom livro, e me parece que unico no genero

E', no entretanto, injustificavel que Franklin Tavora que sem contestação possuia uma grande envergadura litteraria, ao envez da frieza e monotonia de suas tintas e das colorações fracas e apagadas das suas descripções, não empregasse todo o seu amor de escriptor e toda a sua actividade de artista na confecção dos romances da sua *Litteratura do norte.* E' assim que depois de algum tempo nenhuma vaga reminiscencia

nos fica de um personagem, de uma dessas descripções caracteristicas de festa na roça que elle descreve com fidelidade, mas sem arte e sem sentimento no *Lourenço*, no *Matuto* e no *Cabelleira*.

O sr. Araripe Junior tambem acompanhou Franklin Tavora no seu processo de Litteratura do norte. *A Luizinha*, romance de costumes cearenses, se bem que se resinta de mil defeitos artisticos, tem não obstante muita observação e algumas paginas attrahentes de imaginação descriptiva e de estylo elegante. Ha nella a impressão dos livros de Alexandre Herculano e Camillo Castello Branco, impressão que lhe tira a naturalidade caracteristica de escriptor, e a preoccupação dos romances antigos cujos capitulos eram todos rubricados com os factos a desenvolver-se. Apesar de tudo isso a *Luizinha* tem descripções brilhantes como a do *Samba* e do *Bumba-meu-boi*, danças populares muito nossas conhecidas

e que tanto caracterisam a população rural do norte do Brazil.

O sr. Araripe Junior faz na *Luizinha* uso do nosso vocabulario provinciano, misturando-o, comtudo com o do reino portuguez que desconhecemos e que só vemol-o nos livros que de lá nos importam, o que me parece um grande defeito.

De mais a preoccupação de querer historiar os factos occorridos num romance, citando nome de autores, desmerece muito o valor litterario do livro, motivo que encontro para justificar o seu rapido esquecimento e o seu nenhum ruido nas rodas litterarias de então.

O poeta Bernardo Guimarães legou nos outrosim bellos romances no mesmo genero campezino dos dous anteriores, descrevendo porém os usos e costumes do povo mineiro. Tem por conseguinte o mesmo idéal litterario de Tavora

com a differença somente de zona; é o que elle poderia chamar Litteratura do sul.

O *Seminarista*, o *Garimpeiro*, a *Escrava Isaura* e outros são explendidos trabalhos de observação e de um *humour* a Dickens muito pronunciado.

O illustre Sylvio Roméro no estudo que lhe dedica na *Historia da litteratura brazileira* affirma ter sido o distincto mineiro um dos precursores do naturalismo a moderna (sic), e uma das organisações mais bem acabadas do romancista brazileiro.

J. M. Machado de Assis, talento robusto, envergadura litteraria pouco commum, *conteur* e dramaturgo habilissimo, tentou por sua vez o romance humoristico a Thackray e a Sterne nas *Memorias posthumas de Braz Cubas* e no *Quincas Borba*. Conseguio-o ? creio que não, pois não obstante serem estes livros optimos attestados do grande talento de seu auctor, fallam, comtu-

do, de um mundo desconhecido, ficticio; estão eivados de um transcedentalismo philosophico assaz atrazado, e recentem-se da principal preoccupação de Machado de Assis: a correcção extrema da lingua portugueza, que não é a que fallamos e muito destoam desses livros nacionaes que manejam o nosso dialecto com o amor extremoso e ascetico de um mulsumano.

Os seus livros de contos, são, no meu fraco entender, muito superiores aos seus romances, visto que possuem bellas observações psychologicas e, como diz o sr. Clovis Bevilaqua, «um certo sainete de mal disfarçada ironia que lhes dão direito ao nosso suffragio.»

Finalmente, José Martiniano de Alencar, uma das intellectualidades mais extraordinarias que temos possuido foi, com Gonçalves Dias, a figura mais pujante e a mais grandiosa do nosso periodo romantico.

Elle é incontestavelmente o vulto mais proe-

minente do romance brazileiro e talvez o mais popular dos nossos romancistas. Imaginação fecundissima, alma ciosa de renome e de glorias, José de Alencar atirou-se a todos os ramos litterarios com a ancia febril do mineiro procurando nas anfractuosidades dos rochedos o fio aurifero que lhe havia de compensar o trabalho.

Homem de grandes idéas, via-se só, cambaleando no ar, sem um ponto de apoio no maremagnum periclitoso de uma litteratura toda extranha ao movimento do seculo que elle acompanhava com um amor effervescente de artista.

Com a cabeça cheia de escriptos de Chateaubriand e de Fenimore Cooper que cantavam n'um estribilho elegante a exhuberancia florestal e a população nomada dos Estados-Unidos, elle atirou um cartel de desafio aos directores intellectuaes de então, publicando o *Guarany*, romance que destoava de todos os que tinham apparecido, exaltando n'um esylo eloquente e arre-

batador, n'uma poesia altisonante de lyrismo meridional, a grandeza apocalyptica da nossa esplendida natureza; cantando esse factor ethnographico, o indio, n'um madrigal extenso de sonoridades agradaveis, n'uma nota interminavel de sentimentos estheticos e de bellezas infindas. O *Guarany* era, emfim, um livro puramente nacional, o primeiro que apparecia embebido no sentimento sublime da patria.

José de Alencar, com a publicação de seus romances, deu uma nova orientação ás lettras brazileiras, ensinando-lhes que o verdadeiro caminho a seguir era o de uma litteratura exclusivamente indigena, no que foi elle o primeiro a dar o exemplo creando o *Indianismo*, que, diga-se a verdade, só foi grande em suas mãos e nas do glorioso poeta dos *Tymbiras*.

«De todos os seus trabalhos, observa o sr. Clovis Bevilaqua, transluz esta idéa:—a constituição e o avigoramento de uma litteratura bra-

16

zileira... E se não obteve plenamente o resultado a que visava, é preciso confessar que a essa obra superior dedicou elle o melhor das energias de que era capaz a sua vigorosissima organisação litteraria.»

Qual o joven ou mesmo ancião que tivesse lido a *Iracêma*, a *Senhora*, o *Gaúcho*, *Diva*, etc., que não sentisse subir-lhe á face esse conhecido fremito de enthusiasmo allucinante que causam sempre as paginas brilhantes de um livro arrebatador, nervoso, inteiramente extranho aos das nossas leituras? Tal é o grande poder dos romances de José de Alencar.

O seu maior merecimento, porem, consiste em ter sido elle o primeiro que usou da linguagem brazileira nos seus romances, a despeito todavia dos apòdos e das invectivas virulentas que lhes atiraram pedantes grammaticographos. «Somos nós, exclama elle, é o Brazil, quem deve fazer a lei sobre a sua lingua, o seu gosto, a sua

arte e a sua litteratura.» E foi isso mesmo o que elle fez.

Se José de Alencar não fosse já uma rutilante gloria nacional, bastaria este grito de guerra que nos libertou do jugo autocratico da lingua portugueza a que nos submettiam nullidades classicas, e que firmou a nossa autonomia litteraria, para immortalisal-o no coração de todos os patriotas.

IX

Trabalhos naturalistas, contos ou romances, tivemol-os? possuimos actualmente algum que se possa considerar filho legitimo dessa eschola litteraria? Não, tentativas é que têm havido. Se bem que possuam alguns delles os traços maternos, não obstante ainda se resentem dos vicios e deffeitos dos seus antepassados.

O gosto pelos romances de Alexandre Herculano, Garret, Julio Diniz etc., contribuio bastante para a falta de iniciativa do romance sociologico, do romance naturalista, tendo por base o

desenvolvimento de uma these philosophica ou scientifica, e o estudo de um temperamento, de uma nevrose.

O primeiro dos nossos homens que tratam lettras, que tentaram o romance experimental, foi o maranhense Celso de Magalhães que publicou em 1880 na *Revista Brazileira* um trabalho que não concluiu, denominado: *Um estudo de temperamento*, em que ha muita cousa bella, optimo estudo de caracteres, boa movimentação psychologica e uma observação percuciente e analytica das melhores e das mais exigentes. O escriptor maranhense photographa, n'um estylo simples e despreoccupado, com uma nitidez assombrosa, a vida do fazendeiro do norte, não deixando escapar-lhe as mais comesinhas cousas, nem os mais futeis assumptos. Falta-lhe somente esse vigor descriptivo, esse sentimento de *savoir dire* que tanto engrandece uma obra de arte.

Inglez de Souza, no Amazonas, escreveu al-

gumas variedades e romances (*Contos Amazonicos*, o *Missionario*, etc.) em que pretende descrever com tintas indeleveis e fixas, essa luxuriosa vegetação do norte, e sorprehender a vida, uso e costumes da população civilisada e aborigene d'aquelle Estado na flagrancia das suas labutações. Se bem que fosse bastante feliz em alguns pontos, não obstante o sr. Inglez de Souza faz dos seus trabalhos um tal embroglio litterario que escurece as suas immensas bellezas.

Marques de Carvalho, no Pará, iniciou-se com o romance *Hortencia*, um bom trabalho em que estuda e delata um doloroso facto teratologico de um incesto de dois irmãos. Bem concebido, a *Hortencia* tem paginas magistraes de observação e descripção, como as do delirio da mulher do sapateiro Claudio, do passeio ao Marco da Legua, da agonia da velha preta Maria, mãe dos incestuosos, etc. Ha nella estudos dignos de um Zola e de um Flaubert. O typo de Lourenço, por

exemplo, mulato debochado, embriagando-se constantemente, debruçando-se sobre o cairel do abysmo, e as desenfreadas libações das soturnas crapulas ineuarraveis, vivendo desde creança a vida desordenada de um *meio* infecto, commettendo essa monstruosidade voluptuosa do incesto, a que o levou o irresistivel determinismo do seu temperamento, é um estudo bem feito, e uma observação optimamente sorprehendida psychologicamente descripta.

A. de Paiva e José Virissimo, ainda no Pará, o primeiro com estudos ligeiros, contos elegantes a *la Maupassant,* e este com um preparo intellectual, trabalharam bastante para a victoria das novas idéas litterarias *au courant,* publicando diversos trabalhos, quasi todos bem escriptos, sem possuirem, todavia, o segredo estylistico das obras artistico-litterarias, nem a analyse de um temperamento qualquer, exigidos nas elaborações deste genero.

As *Scenas da vida amazonica*, para só falar n'uma obra, são o attestado peremptorio do que vim de affirmar, não obstante serem um bom livro descriptivo, composto em linguagem elegante e despretenciosa.

Mas o que? ter de dar opinião sobre cada um dos que tentaram o naturalismo entre nós, seria um trabalho fastidioso, que não deve entrar n'um trabalho restrictamente synthetico como este, e demandaria, outrosim, a leitura de todos elles, o que me é impossivel, uns por não existirem em livros, outros por ja não haverem nas livrarias.

Virgilio Brigido, Rodolpho Theophilo, Adolpho Caminha, D. Julia Lopes de Almeida, Valentim Magalhães, Thomaz Alves Filho (Hop-Frog), Virgilio Varzea, Coelho Netto, Medeiros e Albuquerque, Pardal Mallet, Carneiro Villela, Cruz e Souza, Ferreira da Rosa e muitos outros formam uma pleiade gloriosa dentre os modernos romancistas e *conteurs* da nossa pequena e

já bastante original litteratura, e merecem por conseguinte ser contemplados e estudados por todo aquelle que investiga a vida intellectual brazileira com escrupulosa exactidão.

Quem é que já leu os primorosos lavores artisticos de Coelho Netto, o mais moderno e o mais escrupuloso burilador de vocabulo dentre os nossos modernos escriptores, os *Contos do tio Jeronymo* de Medeiros e Albuquerque e outros, que não se compenetrasse de que nesta quasi ignorada região da America, a Arte tem o seu culto divino, maior talvez que a Industria, lá no paiz material dos Yankees?

O philologo Julio Ribeiro, na sofreguidão intellectual de querer tudo abordar com a sua intelligencia desiquilibrada de um homem extraordinariamente superior, deu-nos a *Carne*, livro estupendo de estylo fluente, de novidades linguisticas, de descripções febricitantes de uma

belleza rara, mas todo elle inverosimil quanto ao estudo dos caracteres.

Domicio da Gama, nos *Contos a meia tinta*, apresentou-nos tambem uma excellente amostra de uns bellos trabalhos psychologicos a Poë, de uma penetração fina e sagaz, e em nada inferiores aos do celebre Paul Bourget.

Horacio de Carvalho n'um romance (?), o *Chromo*, a que pôz o subtitulo de «estudos de temperamentos», criou uns individuos da alta sociedade paulista, com uma moral deturpante, inverosimil em taes entidades cujos caracteres se desenvolveram e se formaram n'um meio de *hig-life*, de moralidade empavezada. Não é absolutamente crivel que um facultativo da nomeada do dr. Teixeira seja capaz de abusar de seus estudos scientificos para despir e usar, como bem lhe aprouver, o bello corpo de sua cliente Esther, que se submette docilmente aos seus processos hypnogenicos.

Demais a preoccupação constante de querer mostrar erudição, e os trechos de artigos e discursos politicos de propaganda separatista paulista, que o autor encaixa no livro tiram todo o merecimento que possa haver nelle; o seu conteúdo semelha-se a um desses bazares orientaes em que ha um pouco de tudo, uma *melange* por demais variada que nos cança a vista e o cerebro acabando por enfastiar-nos.

Raul Pompeia, o moço mais bem preparado talvez que possuimos, de uma organisação essencialmente artistica, e de uma percepção esthetica apuradissima, deu-nos no *Atheneu* um esplendido estudo psychologico, um livro grandioso, de estylo elegante, trincolejante de phrases sonóras, e de uma observação finissima e sagaz. Ha nelle paginas verdadeiramente assombrosas de descripção, analyses as mais percucientes, as mais incisivas, as mais suggestivas que possam existir, e pinturas das impressões pessoaes as

mais bem acabadas, as mais estheticamente modeladas que relemos com um prazer enorme, com uma satisfação inextinguivel de artistas sequiosos de bello. Póde-se dizer, sem o menor receio de errar, que o *Atheneu* é o unico livro nacional cuja movimentação psychologica se desenrola suavemente, imperceptivelmente, de modo a interessar e prender com agrado a attenção de que quem o lê. Esse é o grande segredo do escriptor, isto é, dos grandes escriptores. O unico senão que lhe encontro é a falta absoluta de poesia, de algumas paginas phantasiosas e idéaes, recurso que o proprio Zola, e mesmo Bourget não dispensaram.

X

Creio que não ha quem ignore que o nosso centro intellectual, o theatro das nossas lettras, politica, etc., é sem duvida alguma o Rio de Janeiro, isto é, a Capital Federal. Della é que irrompem, com todas as fanfarras e as volatas do escandalo e do terror, as novas theorias scientificas, philosophicas e litterarias, as tentativas de deposição, de mudança de regimen etc.

Todas as vezes que philosópho sobre as cousas do meu paiz, fazendo lhes um estudo comparativo com a historia da raça latina na Europa, acóde-me sempre ao pensamento uma lei intuitiva de sociologia:—a da influencia centenaria das

revoluções. Assim como as epidemias e as declarações bellicas entre nações etc., têm o seu periodo de errupção, uma epoca determinada em que se manifestam, assim tambem as revoluções têm o seu, e este manifesta-se de cem em cem annos. Um exemplo.

Sem precisar-mos sahir fóra da historia patria, sem termos necessidade de lembrar a influencia revolucionaria que actuou na Inconfidencia mineira, basta que volvamos nossas vistas para os recentes factos da proclamação da Republica em 1889 e da revolta da esquadra agora em 1893. A nossa Bastilha, que era o regimen monarchico, foi derruida, e o anno do Terror ahi está ressucitando-se na capital da Republica, produzindo o exodo, o panico, a allucinação histerica do medo na população cosmopolita que lhe habita. Quem nos dirá o que de atrocidades, de immolações, de encarceramentos não fará a parte belligerante que vencer? Quantos innocentes sof-

frerão e quantas delações torpes e vingativas não serão acatadas ?

Nada podemos responder com acerto, se bem que conheçamos o momento em que se desenvolveu a psychologia do caracter brasileiro, docil, nevrotico, cheio de perdão para os inimigos e de uma compaixão doentia, porem brilhante, para todos os vencidos. Muitas vezes a docilidade é a capa com que se occultam os heróes.

Deixem falar do nosso sentimentalismo nacional com o ridiculo que sóe a penna de quem quer que seja, na certeza de que a historia das artes e da sciencia tem demonstrado a contento que todos os grandes feitos da humanidade têm sido brotados do coração. Ridicularise se embora a organisação physica do nosso povo, de «construcção anemica e de sangue quente», que só nos pode exaltar ao em vez de diminuir-nos, visto que o sangue frio é, como bem disse Scho-

penhauer, o caracteristico por onde se conhecem os animaes venenosos e peçonhentos.

Tachem-me todavia de apocalyptico embevecedor do povo brazileiro, o que é certo é que nós somos uma nação novissima, um producto ethnographico complicadissimo e seremos, portanto, na futura historia confederada dos povos um elemento de profundas investigações, de estudos controvertidos, a respeito das grandezas fabulosas, dos inventos maravilhosos, do progredimento phantastico da industria, da litteratura, da sciencia etc. desta exhuberante e futurissima região da America do Sul.

Bom, já vamos nos alargando n'um incidente que surgiu ao acaso, ponhamol-o ponto final e prosigamos no assumpto que queriamos desenvolver:—o meio intellectual brazileiro e a repercussão que teve entre nós o naturalismo litterario com os trabalhos do sr. Eça de Queiroz.

Ainda não vai por muito tempo que o *Conde*

de Monte Christo e as *Memorias de um medico,* mediocres producções litterararias de uma celebridade franceza, faziám as delicias de todos os brazileiros a ponto de haver differentes traducções nacionaes, enriquecendo os editores. Não possuiamos então club, revista ou jornal litterario e ainda hoje não os temos; a *Revista Brazileira,* uma bella publicação, morreu logo, e a *Semana,* que acaba de reapparecer, se bem que interessante foi, não obstante, de um exclusivismo a toda a prova, fazendo guerra a alguns talentos esperançosos e acatando verdadeiras nullidades, que a esponja do tempo se encarregou de apagar da lousa intellectual em que figuravam como verdadeiros pontos de interrogação, como hyerogliphos indecifraveis. Os nossos theatros, os folhetins dos nossos jornaes, emfim, tudo quanto se refere á educação intellectual de um povo era do mais ferrenho atrazo, da mais desoladora decadencia.

Devorava-se, e ainda devora-se, Montepin, Ponson du Terrail, Gaboriau etc. Não tinhamos litteratura, não tinhamos idéa, não tinhamos arte, iamos buscal-as de preferencia na França ou (irrisoria verdade !), no velho Portugal; em politica aos mais retrogrados tratadistas, e em litteratura e sciencia aos mais futeis perlimpimpineiros a quem a grossa massa da burguezia applaudia-lhes a elevada sabedoria com a consciencia anafada da sua profunda estupidez.

Ha bem pouco tempo, dizia eu, é que tudo isso se dava, e no entretanto é doloroso confessar que nos tempos actuaes ainda se observa tudo isso, não obstante haver já espiritos avidos de novas sensações artisticas, ciosos de uma luz esthetica que illumine a vasta seára da intelligencia humana. Se não fôra offender susceptibilidades indicariamos aqui, embora de passagem, os individuos que mais actuaram no movimento intellectual do paiz, oppondo nm freio a

tudo quanto cheirasse a novidade, a tudo quanto significasse uma nota de clarim, um grito de alarma contra os velhos idolos da então moribunda litteratura classico-romantica. Muitos delles ainda vivem, recolhidos á sua gloriosa prosapia intellectual, como decrépitos reis desthronados, e como elles riem-se alvarmente dessa luxuriosa e crepitante fascinação da arte que envolve a mocidade belletrista num sonho oriental de sensações modernas, numa allucinação nevrosthenica de grandes artistas desiquilibrados. As suas retinas visuaes estão obscurecidas pela cataracta do classicismo, pela ophtalmia purulenta do defunto romantismo lamartineano, que tantas deliquecencias produzio nas nossas moças hystherisadas pela educação atrophiante de estufa a que eram submettidas, subtrahidas á atmosphera vivificante de um novo sol, de um outro ar mais puro e saudavel.

Os livros de Michelet, de Renan etc., eram

considerados impios pelos directores intellectuaes e portanto prohibidos de penetrarem no lausperenne das familias, no sanctuario das escholas. Nas academias, a excepção de algumas organisações litterarias de verdadeiro merito que abriram aos estudos juridicos e litterarios dos modernos uma valvula esperançosa, permanecia o mesmo antigo caturrismo didatico, o mesmissimo processo da interpretação juridica e causuistica do direito divino.

Era este o nosso estado intellectual quando appareceu na *vetrine* dos livreiros o *Crime do padre Amaro*. Não sei se por miopia cerebral, ou por inanição litteraria o certo é que esse livro passou inteiramente despercebido, não conseguindo siquer transpor as raias do escandalo a que visava, e de cuja triste fama gosava a eschola littero-physiologica a que se tinha filiado. Zola ainda era uma entidade obscura, uma personalidade desconhecida pelos *parvenus* de então.

sabia-se da existencia do grande mestre Balzac pelas criticas de Sainte-Beuve e Villemain. E tudo isso nos tempos em que Taine, Scherrer e outros eram universalmente applaudidos e traduzidos em diversas linguas, em que o industrialismo europeu inventava e aperfeiçoava as machinas Marinoni para dar vazão á ancia nervosa de uma tiragem de cem mil folhas por hora, para satisfazer a secura encandescente, febril e allucinante de uma leitura electrica, vertiginosa. Tudo isso, porem, tem a sua explicação e é preciso não esqueeermos de que a nossa vida intellectual foi toda feita pelos portuguezes que sempre dominaram a nossa imprensa, o nosso commercio, a nossa industria, a nossa politica etc., emfim que sempre absorveram a nossa vitalidade, acanhando por conseguinte a nossa intellectualidade exhuberante, forte. Nós, se bem que tenhamos um pouco differençado das sanguesugas lusitanas, possuimos não obstante al-

guns dos seus vicios e defeitos, e ainda nos resentimos das causas e dos phenomenos que se produzem no centro desse povo nosso progenitor. Se os proprios modernos escriptores portuguezes, como bem disse-o Ramalho Ortigão—n'*As Farpas* vol. 9—pag. 224—«por uma fatalidade physiologica, por um effeito de hereditariedade, são baldos de orientação cerebral da independencia», que diremos nós dos nossos que, com raras excepções, não passam de subalternos copiadores dos livros lusos?

Os espiritos dos novos paladinos, possuidores não obstante de uma tensão nervosa apropriada á concepção de tudo quanto é bello, de tudo quanto è sublime, de tudo quanto signifique um clangor iconoclasta contra as ruinarias envelhecidas das lettras conservam, por um determinismo de organisação, o estigma servil, o signal ignominioso da marca que em muitas ge-

rações que nos precederam foi deixando a grilheta da oppressão mental.

Ahi está, pois, explicado porque o livro do sr. Eça de Queiroz não produzio o ruido que se esperava, não obstante ser elle «misantropicamente concebido, e executado com uma ironia mordente e com um humorismo repassado de lagrimas, que deixa todavia no espirito uma forte impressão consoladora; ser a obra de um grande artista, de um poderoso revelador de ideal, e de, como toda a idealisação perfeita, repousar-nos das nossas preoccupações pessoaes e egoistas, engrandecer-nos, elevar-nos aos nossos proprios olhos, infundir-nos a fé, obrigar-nos a vêr no sagrado desinteresse da arte, na divina immortalidade do bello», como affirma ainda Ramalho Ortigão.

Outro tanto não aconteceu com o *Primo Bazilio* que cahio no nosso meio como uma verdadeira bomba de dynamite, fazendo o estrondo

mais forte de que ha noticia nos nossos annaes litterarios, escandalisando a pacata burguezia, offendendo a pudicicia dos nossos mamuths intellectuaes, da nossa archeologica litteratura.

Estava dado o primeiro golpe. Desde então começou a chover nos roda-pés dos jornaes diarios, folhetins, contos, e alguns romances filiados a eschola do autor de *Fradique Mendes* e dos *Maias*. A figura que mais se salientou foi incontestavelmente a do sr. Aluizio Azevedo, no Maranhão, de quem trataremos detalhadamente no proximo artigo. Deixe-me, agora externar de relance o que penso da individualidade litteraria do primoroso estylista da *Reliquia*. Ahi vae em duas palavras: um grande talento artistico, uma organisação litterària excepcional, e possuidor de uma percepção esthetica digna dos Goncourts. Um defeito, entretanto, lhe noto, é o da preoccupação constante de quorer imitar o autor da *Salammbô*. E' assim que o *Primo Bazilio* se não se

parece muitissimo com a *Madame Bovary* não deixa outrosim de transparecer a obsessão do seu auctor pelo romance de Flaubert. O seu processo analytico e descriptivo approxima-se extraordinariamente, assombrosamente com o do grande psychologista francez. Os *Maias* tem paysagens que insensivelmente nos fazem recordar as da *Bovary*, e o trabalho perseverante e herculeo que o sr. Eça de Queiroz está empregando ha mais de um anno na *Vida de S. Christovão*, confirma essa persistencia sublime de querer ser elle o continuador do genial psycho-pathogista da *Tentação de Santo Antonio*. Isto todavia não me inhibe de o considerar como o primeiro artista da lingua portugueza, e mais extraordinario escriptor dos nossos tempos em Portugal e Brazil, e o maior, talvez o unico, representante da observação experimental na litteratura de seu paiz.

XI

Foi com a publicação do *Mulato* do sr. Aluizio Azevedo que despertaram para as lettras nacionaes as auroras do novo ideal artistico e scientifico no romance, alimentando como um olhar materno todas as nossas manifestações estheticas.

Falar delle, o homem, mais detalhadamente embora de modo succinto; estudar-lhe o caracter litterario, a predisposição artistica, as suas primitivas inclinações; investigar conscienciosamente o meio em que se formou e desenvolveu

o seu espirito, tirando dahi uma illação do que elle é actualmente, será o objecto deste artigo.

Informam-me parentes de Aluizio Azevedo que possuidor de uma habilidade precoce para o desenho, o futuro autor do *Mulato* esteve a seguir para a academia de Roma com o fim de estudar pintura, quando apenas contava quatorze annos de idade, sendo-lhe porem frustado esse intento em consequencia da tenaz opposição que lhe fizera seu pai. Dos deseseis aos dezesete annos manifestou-se-lhe o prurido de escrever, e desde então começou a collaborar em diversos jornaes, rabiscando má prosa e máos versos. Nessa mesma epocha iniciou-se no magisterio particular leccionando portuguez primario e desenho no collegio Feillon no Maranhão. Alguns annos depois vemol-o no Rio de Janeiro, onde de 1875 a 1877 mostrou a sua rara habilidade de caricaturista no *Figaro*, na *Vida Fluminense*, no *Mequetrefe*, no *Zig-zag* e em outros periodicos il-

lustrados. Nessa mesma epocha fez um anno de aula de modelo vivo na Academia de Bellas-Artes, pintou de collaboração um panno de bocca do theatro Gymnasio, parte do scenario da *Petite mariée* do theatro Alcazar, e leccionou em diversos collegios e externatos desenho e grammatica portugueza. Em fins de 1877 fez ainda uma nova tentativa de seguir para a Italia, requerendo para isso uma subvenção á assembléa de sua provincia que lh'a recusou.

Por esse tempo fallece-lhe o pai, e Aluizio teve de voltar ao Maranhão, onde permaneceu até fins de 1881, epocha em que regressou para a Côrte. Na capital de sua provincia natal, o auctor da *Mortalha de Alzira* não esteve de todo inactivo, collaborou em varios jornaes com contos, poesias, chronicas leves etc. e publicou o seu primeiro romance *Uma lagrima de mulher*, livro muito impregnado de um lyrismo lamuriento e de uma sentimentalidade infantil, e que foi recebido friamen-

te pelo publico. Havia então em S. Luiz um jornal catholico, *A Civilisação*, dos padres do convento de Santo Antonio, que se tornou celebre nos annaes da imprensa maranhense pelas disputas e guerrilhas de toda a especie, politicas, litterarias, scientificas, religiosas etc. que provocou, a ponto de sahir barra fóra e luctar peito a peito, braço a braço com Tobias Barretto, em Pernambuco, então elevado a semi-deus da intellectualidade academica. Para oppor-lhe um baluarte forte, inexpugnavel, Aluizio Azevedo, alliado a um valente grupo de rapazes intelligentes, creou o hebdomadario *O Pensador,* não deixando um só dia de trabalhar para essa folha. A luta com os padres travou-se ferozmente, corajosamente e os insultos e as invectivas virulentas trocaram se de lado a lado, numa confusão medonha de vocabulos rubros, sanguinolentos.

Entretanto não se satisfazendo com o *Pensador,* Aluizio fez-se redactor chefe da *Pacotilha*

e dia a dia, vertiginosamente, acceleradamente sustentou o trabalho mais vivo de que ha noticia no jornalismo da provincia. Isto serviu, comtudo, para tornal-o senhor do *afaire de ecrivain*, do profundo segredo do *metier* de escrever, e que elle demonstrou brilhantemente, publicando o seu primeiro trabalho de moldes naturalistas *O Mulato*, que foi por sua vez o seu primeiro successo litterario.

Esta é que foi a epocha da absorsão e germinação do talento litterario de Aluizio Azevedo, pois nos apontamentos que tenho a respeito de sua vida espiritual, jamais a sua actividade intellectual se manifestou tão heterogenea, tão multiplicadamente, como nesta, que eu considero o periodo da irrupção do seu talento, da manifestação artistica do seu temperamento. Folhetim, chronica, drama, comedia, poesia, artigo de fundo, romance etc., sahiram então de sua penna; tudo Aluizio produziu, tudo Aluizio ensaiou,

num estylo travesso e ameno de menino intelligente e promettedor.

Esse periodo foi por sua vez um dos mais effervescentes para as lettras maranhenses; alem da conclave dos moços em cujo numero figurava Aluizio Azevedo, havia o grupo dos circumspectos, como elles se chamavam, e de onde se destacavam Paula Duarte, João Moraes Rego, Raymundo Capella e outros. Desse grupo trouxe Aluizio, ou por outra, Aluizio aprendeu com o sr. Capella, a conhecer Spencer, Darwin e Augusto Comte, conhecimento que não lhe aproveitou, diga-se em bem de verdade, pela sua falta absoluta de base e dos conhecimentos rudimentares, indispensaveis a comprehensão das obras desses eminentes philosophos, pois ninguem certamente ignora que a educação intellectual de Aluizio não passava então da leitura dos romances de Ponson du Terrail, Alfonse Karr, Chateaubriand, C. Castello Branco-

Alexandre Herculano, Julio Diniz, Garret, Castilho etc., dos poetas brazileiros e portuguezes e alguns francezes.

E foi justamente nesse desabrochamento benefico e propicio para as lettras nacionaes que surgiu o *Mulato,* produzindo uma verdadeira revolução litteraria na provincia, repercutindo depois em todo o Brazil como uma nova estrellejante de salvação, como um espiráculo aberto ao naturalismo artistico.

O momento foi decisivo; ao passo que Aluizio era fortemente atacado e censurado no Maranhão, todas as outras provincias expandiram-se-lhe em applausos freneticos de enthusiasmo e animação. No Rio de Janeiro, o centro de onde quasi sempre partem as novas idéas sahidas de qualquer provincia das cogitações humanas, a imprensa foi a primeira em prodigalisar palmas ao novo romancista que surgia valente para a lucta. Araripe Junior na

Gazeta da Tarde augurou-lhe os melhores auspicios, e Urbano Duarte no *Globo* soltou um grito sonoro e estridulo de «romancistas ao norte!», grito que repercutiu vibrantemente como uma nota aguda de clarim, por todos os angulos do paiz.

No Maranhão, a despeito da campanha ingloria de discredito contra o autor e o livro, venderam-se do *Mulato* dous mil exemplares em poucos dias. Desde as camaras douradas até ás mansardas obscuras, desde o moço academico até o noticiarista e o negociante, desde o rico homem até o pobre diabo, ninguem via, ninguem fallava noutra cousa que não fosse o livro que todos devoravam febrilmente, embriagadoramente. Os descontentes da *Civilisação* tiveram de abrir as suas valvulas de salvação para não voarem em hastilhas, numa explosão nervosa e allucinada de enthusiasmo. Estava pois dado entre nós o primeiro passo no caminho da arte de Balzac, na estrada do realismo litterario; e descortinara-

se então para as intelligencias o campo luminoso e extenso da observação e do experimentalismo artistico.

Percorramos agora celeremente o *Mulato*.

A these que Aluizio procura desenvolver é a do preconceito da côr, ainda muito arraigado no norte do Brazil. O autor faz de victima, o dr. Raymundo, um mestiço intelligente e rico, formado em Direito por Coimbra. Pinta-o chegando do Rio de Janeiro, aboletando-se em casa de um seu tio que o hospeda, rodeado a principio de todas as considerações que reclamavam o seu titulo de bacharel e a pequena fortuna que herdára do pai, e depois, chasqueado, insultado por toda a familia do tio, pelo seu *abominavel* crime de pretender desposar a prima que era branca, elle que «toda a gente sabia que tinha casta, o patife do cabra».

Toda a sorte de affensa, de desfeita foi-lhe então feita pela familia da prima, até o *consumatum*

est no epilogo do seu assassinio pelo portuguez Luiz Dias, suggestionado pelo conego Diogo, uma figura repellente de padre ignominioso que atravessa todo a longo percurso do romance, num colorido espectante e gritador detintas vivas.

Apezar das muitas infantilidades litterarias que possue e dos graves defeitos de arte que encerra, o *Mulato* tem descripções felizes, observações bem apanhadas, optima movimentação psychologia dos personagens, e o que é principal:—photographias psycho-physiologicas excellentes de alguns caracteres. Anna Rosa, Maria Barbora, Luiz Dias, a hysterica Anna Maria e com especialidade o conego Diogo são tão extraordinariamente descriptos, estão observados com tanta exactidão, que a gente duvida que podessem ter sahido da penna de um moço de vinte e dous annos de idade, completamente ignorante dos segredos da arte e do *savoir faire* litterario como o

era então Aluizio Azevedo, e num meio em que os novos sopros das intelligencias robustas chegavam frios, sem um atomo siquer da calentura nervosa e febricitante com que fôram expellidos.

O grande successo do *Mulato* decidiu da carreira litteraria de Aluizio Azevedo que com o producto de sua venda regressou para o Rio de Janeiro, a tentar um nome que adquiriu, conquistando com a sua inquebrantavel força de vontade, luctando peito a peito com as mil prevenções que a seu respeito havia, num conflicto cyclopico entre o desalentado scientificismo europeu e o nosso lyrismo nacional, pujante de una sensualidade morbida e hysterica, e de um sentimentalismo lymphatico e lamuriento.

Na então Côrte elle foi produzindo constantemente ora artigos ligeiros, contos, folhetins etc. ora comedias e dramas de pequena monta, e publicando nos jornaes diarios de grande circulação, romances escriptos sobre a perna no ge-

nero Montepin e Gaboriau, como as *Memorias de um condemnado*, *Philomena Borges* e *Mysterios da Tijuca*, mais para satisfazer o interesse das folhas, que lhe pagavam miseravelmente, (quando elle não o fazia de graça), do que para ser agradavel aos innumeros leitores de rodapés, e dando a luz outrosim bellos trabalhos de experimentalismo litterario, em nada inferiores a muitos dos mestres francezes. Tudo isso, porem, debaixo de uma lucta terrivel pela vida, de um indifferentismo doloroso do publico e da imprensa que o recebia com o olhar desconfiado do matuto, com o sorriso dissimulado do algoz.

Elle é um dos nossos escriptores que bem poderia repetir com Zola; «Sou um ressuscitado de mim mesmo, sou um producto directo da fome, dessa fome terrivel que mata os mendigos e abate os fracos, e que me teria aniquilado certamente se eu não lhe oppuzesse a inflexivel energia da minha poderosa força de von-

tade.» Sim, Aluizio Azevedo poderia fazer suas estas palavras do grande constructor dos *Rougon Macquart*, porque como elle passou incriveis provações, como elle soffreu muito e luctou bastante, e ainda como elle gosa de um nome relativamente glorioso em nossa litteratura, conquistado palmo a palmo a custa exclusivamente de uma grande somma de pertinacia, e de um talento robusto, extraordinario.

O seu melhor romance *Casa de Pensão* foi elaborado justamente nesse tempo de privações do autor. Nelle, Aluizio Azevedo como que concentrou toda a sua alma angustiosa de artista, como que viveu só para o livro durante todo o periodo da sua elaboração.

Todo o mundo sabe o fundamento desse bello romance e portanto desnecessario é reproduzil-o aqui, cujo limite assaz restricto inhibe-me de o fazer. Elle ainda está palpitante no cerebro de todos os que estão a par das chronicas fluminen-

ses. Demais este escripto é um estudo rapido e conseguintemente não pode se expandir com minudencias sobre cada um dos livros produzidos pelo autor.

Basta que se diga que como trabalho de observação, de descripção, de movimentação psychologica dos personagens e dos objectos a *Casa de Pensão* é um dos melhores livros da lingua portugueza, e pode com galhardia figurar numa estante ao lado dos *Maias* de Eça de Queiroz.

Assim é que as figuras do ingenuo provinciano Amancio de Vasconcellos, do Paiva estudante da Polytechnica, de Coqueiro, de Amelia, de Lucia Pereira, de Mme. Brizard, de Hortencia, hytserica caprichosa, de Nini, hysterica nymphomana ect., bem como as scenas do almoço no *Hotel dos Principes,* do baile em casa do Campos, da exploração posta em evidencia por Coqueiro, a mulher e a irmã; do julgamento do processo de Amancio etc., estão estupendamente observados,

vivamente descriptos, e pincelados com uma firmeza e vigor admiraveis de tintas vividas, e cheios de umas colorações luxuriantes que impressionam a quem lê o livro.

A vida intima, a psychologia interior da Casa de Pensão de Mme. Brizard, igual a todos ás outras congeneres do Rio de Janeiro, está photographada nas paginas do romance com uma fidelidade espantosa, e a illusão é tão completa que ao lermos o livro parece nos estar assistindo tudo o que se passa no bojo desse monstro, verdadeiro microcosmo onde os individuos de toda a especie social, de todas as reputações, de todas as cathegorias se acotovelam, se promiscuem, se entrechocam, se relacionam, se aborrecem, se amam e se odeiam. Esses personagens não sahiram da phantazia do autor, elles são verdadeiros, existem; encontramel-os a cada instante e a todo o momento por onde quer que andamos.

A pagina com que Aluizio Azevedo descreve

a agonia e morte de um tysico commensal de Mme. Brizard é de um colorido tão vibrande e de um estylo de tal forma arrebatador, que nos faz compartilhar um pouco do terror e da compaixão que lhe tivera o Amancio nessa noite terrivel.

Não posso me furtar a tentação de a transcrever, eil a:

...«O homem estava muito afflicto, debatendo-se contra os lençóes, no desespero da sua orthopéa. A cabeça vergada para traz, o magro pescoço estirado em curva, a barba tesa, pyramidal, apontando para tudo; sentiam-se-lhe por detraz da pelle empobrecida do rosto os angulos da caveira; accusavam-se-lhe os ossos por todo o corpo; os olhos extremamente vivos e esbugalhados, de uma fixidez inconsciente pareciam saltar das orbitas, e pelo esvasamento da bocca toda aberta, via-se-lhe a lingua dura e secca de papagaio, e divisavam-se lhe as duas filas da dentadura.

«Não podia socegar. O seu corpo chupado lentamente pela tysica, nu e esquelectico, virava-se de uma para outra banda, entre manchas escrementicias, a porejar um suor gorduroso e frio que humedecia as roupas da cama, e dava-lhe á pelle còr de osso velho, um brilho repugnante.

«Faltava-lhe o ar e, todavia, pela janella aberta para o nascente, os ventos frescos da noite entravam impregnados da musica de um baile distante, e punham no triste abandono daquelle quarto uma melancholia dura, um aspero resentimento de egoismo, alguma cousa da indifferença dos que vivem pelos que se vão metter silenciosamente dentro da terra...»

Aqui está uma pagina que Balzac, ou mesmo Flaubert o impeccavel artista da phrase não faria certamente melhor

A caracteristica do talento de Aluizio Azevedo é puramente, essencialmente representati-

va; a sua principal preoccupação é o da reproducção do espectaculo com todas as suas peripecias, com todos os seus accidentes, não faltando-lhe mesmo a projecção longa e esguia da sombra de um predio ou de uma arvore.

O *Coruja*, o livro mais compacto do autor do *Mulato* resente-se de muitos defeitos artisticos, e tem creações inteiramente romanticas, abso-absolutamente inverosimeis, senão impossiveis. A figura do *Coruja* o principal personagem nunca existiu em nossa sociedade, e as de Theobaldo, Aguiar e Branca estão muito exageradas Entretanto não quero dizer com isso que desgosto do livro, pelo contrario elle tem optimas qualidades descriptivas, uma movimentação extensa e complicada dos personagens que agradam e deleitam, e que nos faz lembrar as *ficelles* dos romances de V. Hugo. *O Coruja* possue entretanto alguns defeitos taes como compridos dialogos que fatigam a quem está habituado com

a leitura desses delicadissimos livros modernos, vaporosos como um desenho a pastel, e em que, a analyse das sensações, das psycho-nevroses, e das anomalias de um determinismo qualquer passa imperceptivel, ligeira, atravez da poeira luminosa e offuscante de um estylo fascinador.

O *Homem* é por emquanto o unico livro do romancista maranhense que desenvolve uma these scientifica, e o primeiro em que elle demonstrou as suas grandes qualidades de estylista moderno.

Não obstante, o estudo da hysteria em Magdá, a these scientifica do livro, não é de todo o ponto verdadeiro, attento talvez á pouca leitura que do estudo dessa nevrose fizera então o autor. O desabrochamento da individualidade da filha do Conselheiro Pinto Marques não é um simples incidente, muito ao contrario percorre todo o livro, no esmagamento doloroso da molestia cerebral que lhe corróe o organismo e o

espirito, e que o romancista descreve minuciosamente, detalhadamente numa linguagem doida de vocabulos sonóros e mirabolantes.

Eu disse que o estudo da hysteria em Magdá, não é de rigor verdadeiro, sob o ponto de vista scientifico e vou dar a minha razão de assim pensar.

Quasi todos os livros que têm cogitado do assumpto, desde Bernhein, Ochorowicz, Azam Liegeois etc., até Fajardo e outros, provam a exhuberancia que o cerebro das hystericas não tem pensamento que não seja o do seu auto-suggestor que lh'o transmitte, lançando para isso meio da hypnose, como fez Richet nas suas innumeras experiencias sobre a *objectivação dos typos*, e entre nós Erico Coelho, Fajardo etc. E entretanto isso não foi observado por Aluizio Azevedo, com relação a heroina do *Homem* que tem sonhos phantasticos, idealmente poeticos, de uma mulher de grandes sentimentos estheticos, e pos-

suidora de uma cerebração robusta e valente de moça letrada, o que ella não era.

A não ser este pequeno descuido scientifico, o *Homem* não é somente um dos nossos melhores livros, elle é tambem um dos melhores da lingua portugueza. O seu estylo fluente, estrellejante e flammivono, com aquella precizão com que busca as côres e a impressão viva das paysagens descriptas, tem as scintillações metallicas das espadas nuas aos raios vibrantes do sol, o fulgor sanguineo de uma alvorada de Abril e o *rictus* dolorosamente sybilino das grandes epilepsias.

A sua importancia como trabalho de psychologia e physiologia intima está no vigor dessas mutações, na exactidão dos resultados moraes que as impressões da vida determinam no caracter primitivamente exposto.

Se pudessemos dar uma idéa do estylo de Aluizio nesse livro, trasladariamos para aqui as

bellissimas descripções do passeio de Magdá á pedreira e ao campo da Acclamação, da morte de Luiz e da noiva, estortegando-se ambos numa dôr violenta, e asphixiando-se depois no paroxismo cruciante e doloroso de um envenenamento cruel.

Ahi vae a pagina em que Aluizio Azevedo descreve o sonho de Magdá:

«Começou vendo-se no alto da pedreira, a olhar para o espaço, justamente como acontecera na realidade; mas a pedreira afigurava-se-lhe tres ou quatro vezes maior. De repente, falta-lhe o terreno debaixo dos pés, e ella cae, não para traz e sim bem de frente—no ar. Nisto, uma garra fortissima empolga-lhe as roupas das costas, sustentando-lhe a vertigem da queda, sem todavia impedir que ella continue a resvalar; mas ja não cae, deslisa suavemente, como se estivesse voando. Um braço musculoso cinge-lhe as curvas dos joelhos, outro toma-a pela cintura,

e o seu collo é recebido em cheio por um largo peito nu, onde ha cabellos que lhe poem cocegas na pelle. Magdá ri com as cocegas, e sua cabeça repousa num taureo pescoço de Hercules, cujo suor lhe humedece as faces. E assim, abraçados deslisam voluptuosamente no espaço, descendo numa embriagadora delicia de vôo continuo.

«O vôo dura um tempo infinito. E ella como receiando ficar desamparada, trata de agarrar-se ao outro o melhor que pode. Estreitam-se mais.

«E mais.

«Ha ja um principio de frenesi no modo porque se estreitam. A moça procura com ancia unir-se bem ao corpo do cavoqueiro; quer que os seus peitos lhe fiquem bem collados ao peito; quer que os seus braços sintam em toda a extensão a carne das espaduas do homem; que a

sua barriga se ajuste a delle e que as suas coixas lhe apalpem os rins.

«E continuaram a descahir, sem parar nunca. Magdá sente nas faces uma impressão desagradavel de frio; sella immediatamente o rosto contra o outro rosto, e deixa-se aquecer ao calor dos beijos. Então os seus olhos desmaião de gosto; as suas narinas arfam com mais força, porque ella não pode respirar pela bocca que está tomada pela outra bocca.....»

E neste estylo brilhante prosegue o autor a descripção desse sonho doentio, invesosimil scientificamente, como demonstrei, mas bonito debaixo do ponto de vista esthetico. Esses dous amantes ficticios, extremamente unidos, extremamente collados, voando no espaço como duas sombras vaporosas, fazem-nos recordar insensivelmente Francesca de Rimini e Paolo de Lancioto a quem o Dante terçou os mais bellos versos de toda a trilogia da sua *Divina Comedia*,

Não sei se por impressão das ultimas leituras, ou por um defeito organico de temperamento artistico, o certo é que o *Cortiço,* o ultimo dos seus romances, em nada se parece com os anteriores. O processo analytico, descritivo, observativo (va lá o termo), é inteiramente outro, e outro o seu ponto de vista psycho-litterario. No *Cortiço* como na *Casa de Pensão* ha a psychologia do tumulto com a differença somente dos assumptos, porem o processso descriptivo de um differe extraordinariamente do processo descriptivo do outro.

Na *Casa de Pensão* Aluizio preoccupa-se mais com copiar a cousa ao vivo, em flagrante, e fal-a com muita felicidade mas inesthelicamente, numa tautologia incommoda de adjectivos e de phrases dispensaveis; no *Cortiço* porem, elle reune a primeira destas qualidades ao seu processo artistico da escripta, isto é ao seu estylo individual, sonóro como um crystal, elegante como um

biscuit, leve e sympathico como uma silhueta. Não obstante tudo isso, continuo a preferir a *Casa de Pensão* á todos os outros seus livros. Estes ultimos são mais artisticos, mais estheticos, de estylo mais castigado e mais attrahente; a *Casa de Pensão* porem é mais nacional, mais verdadeiro, mais bem sentido e melhor executado.

Quem não conhece o que seja um cortiço no Rio de Janeiro, com todas as suas intrigas, com todos os seus deboches, com toda a sua immundicie, com toda a sua algazarra, não tem mais nada a fazer do que comprar o romance de Aluizio Azevedo e lêl-o. E' tal a vivacidade e o colorido dos seus personagens e das suas descripções, que nos chega a produzir febres e impaciencia a ponto de entorpecer-nos, como se fôra uma atmosphera impregnada pelos vapores do opio.

O taberneiro José Romão, o portuguez Jeronymo, Pombinha, a cocotte Leonie, Ritta Bahi-

ana, uma mulata debochada, esse nosso producto aphrodisiaco da mistura de duas raças, e outros mais, estão photographados ao vivo, com uma exactidão assombrosa, com uma nitidez deslumbrante.

As descripções da luta entre a povoação dos dous cortiços belligerantes, da capoeiragem de Firmo com Jeronymo, da phantasia do sonho de Pombinha por occasião de lhe romper do ventre o grito da puberdade etc., são paginas admiraveis, de estylo rorejante e luminoso como gottas de orvalho. Aqui vão as linhas em que Aluizo descreve um samba bahiano:

«....Ella (Ritta Bahiana) saltou em meio da róda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de goso carnal, num requebrado luxurioso, que a punha offegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços extendidos, a

tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse á vida, soltara um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miudo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços que dobrava, ora um, ora outro sobre a nuca, em quanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando.

«Em torno o enthusiasmo tocava ao delirio; um grito de applausos explodia de vez em quando, rubro e quente como deve ser um grito sahido do sangue. E as palmas insistiam, cadentes, certas, num rythmo nervoso, numa persistencia de loucura. E arrastado por ella, pulou á arena o Firmo, agil, de borracha, a fazer coisas phantasticas com as pernas, a derreter-se todo, a summir-se no chão, a resurgir inteiro com

um pulo, os pés no espaço, batendo os calcanhares, os braços a querer fugirem-lhe dos hombros, a cabeça a querer saltar-lhe do tronco. E depois surgiu tambem a Florinda, e logo o Albino e até, quem diria! o grave e circumspecto Alexandre.. »

Digam-me agora se isto que ahi ficou transcripto não é uma dessas paginas sublimes de descripção e de estylo que valem por um livro inteiro, e que marcam epocha nas lettras de um paiz, por mais rico que elle seja em grandes talentos? A gente ao lêl-as impressiona-se de tal modo, de tal modo se deixa embevecer pela situação descripta que vemos como que ao natural, e que sentimos como se a estivessemos presenciando, a ponto de tambem interessarmos pela folia e soltarmos bravos e vivas estrepitosos.

No conjuncto de toda a obra de Aluizio Azevedo, encontra-se uma nota caracteristica da sua unica preoccupação artistica:—a hysteria.

23

Um exemplo: Anna Maria, no *Mulato*, Hortencia e Nini na *Casa de Pensão*, Philomena Borges no romance deste titulo, Magdá no *Homem* etc. E uma observação constante:—a da immoralidade em acção, que no *Cortiço* chegou ao seu auge.

Não sei porque sempre que Aluizio tem de escrever uma scena de immoralidade fal-a num èstylo nervoso, esfusiando rachinante a luxuria carnal num colorido esmagador de vivacidade e repugnancia.

Eu não sou dos que condemnam em absoluto a pintura picaresca de certos actos libidinosos, pelo contrario acho-a necessaria quando ella vèm naturalmente, como nos romances de Zola e no *Mulato* do proprio Aluizio Azevedo, detesto-a porem, quando entra no livro, a trouche mouche com o fito exclusivo de produzir escandalo, controversias e contumelias virulentas por parte do pacato publico burguez.

Uma obra de arte deve antes de tudo ser

uma obra de arte, isto é, deve abstrahir-se de toda a idéa que não seja a do bello, do esthetico, que não esteja fora das regras dictadas pela philosophia da arte, as quaes deve observar lealmente, fidedignamente com toda a serenidade de um espirito consciente da sua grande, da sua elevada missão.

***

Ahi ficou resumidamente apontado o que vem a ser a eschola *soit disant* naturalista e quaes os seus principaes representantes.

Nesta synthese rapida, vertiginosa, percorre uma alluvião de livros e de autores, todos elles differentes entre si quando a preoccupação esthetica, e ao mesmo tempo todos elles iguaes no processo philosophico de um pessimismo blindado ás alturas de um desespero shakespeareano, de um *Inconsciente* a Hartmann, de um nihilismo a Stepeniak.

Sobre qualquer que seja o ponto de vista esthetico de cada um, o certo é que a philosophia, o determinismo psychico de um é o de todos. Este phenomeno da descrença philosophica na arte, sahido da Allemanha segundo Nordau—*Paradoxos*—, ou do imperio moscovita como quer Courrière—*Litterature contemporaine en Russie*—, é semelhante ao que se deu nos espiritos juvenis com a irrupção do romantismo litterario. Como este, o pessimismo ha de produzir obras primas e depois, esgotados todos os recursos, cahirá num ridiculo descalábro, em mãos sómente das nullidades empavezadas.

Não creio que esta formula artistica persista por muito tempo, pelo simples e essencialissimo facto de não ser verdadeira, isto é de externar unicamente o que o capricho de uma phantazia ephemera e voluvel ditou ao cerebro nervoso do artista que a concebeu.

Si toda a vida de Schopenhauer, de Alfiére,

de Hartmann etc., é em todos os sentidos inteiramente apposta ás suas terriveis e desanimadoras theorias subjectivistas, como attestam escrupulosos biographos, não é menos certo que essas theorias fôram creadas com o fito exclusivo de prender a attenção do mundo pensante para as suas individualidades superiores, commentando-as e incensando-as. Os seus livros semelham se a essas bombas pyrotechnicas que attrahem a nossa curiosidade somente na occasião em que espocam, lançando para todos os lados uma myriada de luzes polychromas extraordinariamente bellas, heterocliticamente espalhadas, mas de duração vaga, rápida e inoffensiva.

De resto a manifestação artistica de um temperamento, como de uma epocha, para ter elemento de vitalidade, para poder impor-se como uma obra prima a admiração dos pósteros, precisa antes de tudo de ser verdadeira, ou presupposta tal. Assim é que toda essa volumosa ba-

gagem litteraria de V. Hugo, por isso mesmo que não era verdadeira, já está esquecida dos leitores, já ninguem falla della; ao passo que outro tanto não se dá com os livrinhos de Alfred Musset, que representam unicamente, exclusivamente a verdade; e emquanto houver no mundo um coração humano, esses admiraveis volumesinhos hão de ser eternamente lidos, eternamente decorados, e eternamente amados. E' que o poeta de *Rolla* servia-se da poesia para exprimir as angustias dolorosas e as nevroses intensissimas que atormentavam a sua sensivel e delicada alma de um grande poeta desiquilibrado, epileptoide como classifica-o Cesar Lombroso no seu extraordinario estudo sobre o *Uomo di Genio*.

Um artista por isso mesmo que elle o é, não deve abusar das suas manifestações sensacionaes, esteriotypando-as em trabalhos exoticos, ridiculamente extranhos e nebulosos, em desproveito e em sacrificio do real, isto é, da unica formula

exigida pelo bello, da unica linha viavel para a immortalidade

Feliz do escriptor que, a semelhança do João Macquart da *Debacle*, assistindo com os olhos cheios de lagrimas e o coração despedaçado, o incendio completo das lettras sans, arrecadando nas suas igneas chammas um mundo inteiro de intelligencias robustas, de grandes organisações artisticas, possa, no meio de todo o pessimismo que o cerca e que o accomette, trabalhar denodamente no seu gabinete, alimentando lá bem em baixo da sua consciencia, um fundo de esperança de poder restaurar toda essa litteratura doentia de fim de seculo, verdadeiro documento comprometedor para o futuro.

FIM DO NATURALISMO NO BRAZIL.

O THEATRO BRAZILEIRO DE RELANCE

O THEATRO BRAZILEIRO DE RELANCE

O THEATRO BRAZILEIRO DE RELANCE

(A PROPÓSITO DO DRAMA REDEMPÇÃO DE TIRADENTES).

O investigador litterario que lançar as vistas para o nosso passado intellectual, brilhantemente illuminado por um lyrismo poetico encantador, e por trabalhos historicos e scientificos equiparaveis aos dos séus similhares europeus, quer já no periodo colonial, quer mesmo depois da nossa independencia politica, terá com certeza um profundo sentimento vendo que o genero theatral foi completamente descurado, justamente n'essa época que foi, póde-se dizer, o periodo aureo da litteratura dramatica em toda a parte do mundo.

Torna-se, pois, necessario reconhecer que existe uma causa ou circumstancia mais intima, ou um defeito imanente no caracter do nosso povo, ou mesmo uma razão oriunda do momento historico-evolutivo actual.

Que outros mais abalisados investiguem pacientemente a melhor d'estas hypotheses e estudem-n'a. Quanto a mim attribuo ao cruzamento das tres raças que constituiram a nossa nacionalidade e cujo problema ethnographico ainda não foi resolvido satisfactoriamente.

Fazer-se um estudo aprofundado do theatro brazileiro, seria senão uma utopia um contrasenso, pois que o critico ver-se-hia na necessidade de tactear nas trevas, á procura d'essa luz brilhante de Venus que lhe guiasse o caminho, sem poder lobrigal-a, senão ephemera, pallida e esmaecida como os fogos fatuos.

Folhei-se o *Curso elementar de litteratura nacional* de Fernandes Pinheiro, o *Bresil littéraire*

de Ferdinand Wolf, o *Curso de litteratura* de Sotero dos Reis, o *Theatro brazileiro* e *as condições de sua existencia* de Clovis Bevilacqua, o *Bresil en 1889* de Sant'Anna Nery e a consubstanciosa *Historia da litteratura brazileira* do criticista Sylvio Roméro, e ter-se-ha a prova cabal do que vim de affirmar, isto é, o theatro brazileiro não existe, não pode ter ainda uma historia.

Elle ainda não sahiu do seu periodo de lactação; não anda, gatinha, não falla, chóra e resmunga.

A não ser Antonio José da Silva que eu não considero dramaturgo brazileiro, pois que ao Brazil deve elle tão exclusivamente o seu nascimento, e o celebre estadista Alexandre de Gusmão, não sei quem tenha ensaiado este genero de litteratura em o nosso periodo reinól.

O auctor da *Guerra do alecrim e da mangerona* não é um producto das lettras brazileiras, disse e o repito, visto que todos os seus estu-

dos, o *meio* em que se desenvolveu o seu espirito, a influencia exercida sobre os seus trabalhos e a acção capital dos seus dramas são todos genuinamente portuguezes.

Se os extraordinarios lyristas da eschola mineira são considerados nossos pela maneira de poetar, pelo modo de photographar com nitidez e verdade a nossa natureza, pela indole artistica e pelo modo de sentir as nossas cousas, não podemos affirmar o mesmo do judeu Antonio José, victima das atrocidades inquisitoriaes.

Quando na Europa os reformadores de 1830 em luta aberta com o classicismo dominante, alteiaram victoriosos o estandarte do romantismo, d'aqui, d'este outro lado do mundo já o possuiamos, embora fraco e doentio.

Parece-me ser um grande erro, erro esse em que têm cahido quasi todos os nossos historiadores litterarios, o dizer-se que fôra o sr. visconde do Araguaya o introductor do romantismo entre

nós, quando salta aos olhos, mesmo dos de vista curta, ser elle um dos mais enfatuados classicos dos nossos poetas, e serem-lhe anterior no poetar romantico da Europa, Maciel Monteiro, Salomé Queiroga, José Maria do Amaral e muitos outros.

Ao sr. Araguaya e ao sr. Porto Alegre deve caber a gloria das primeiras tentativas de um theatro brazileiro. Infelizmente, porém, os seus trabalhos só o são pela nacionalidade de seus autores e não pela concepção artistica das obras. *Olgiato*, por exemplo, é assumpto estrangeiro, *Othelo* é uma traducção da parodia de Duccis, o *Poeta e a inquisição* está cheio de inverdades historicas e não deixa de ser assumpto um tanto estrangeiro.

De Porto Alegre somente a *Estatua amazonica* póde-se considerar assumpto nacional, se bem que não trate da critica dos nossos costumes, mas por ser «uma satyra á leviandade com

que alguns viajantes fallam do nosso paiz.» (Fernandes Pinheiro).

—Gonçalves Dias deixou-nos 4 dramas *Patkull, Beatriz Cenci, Leonor de Mendonça* e *Boabdil*. São trabalhos feitos com um esmero artistico admiravel, verdadeiros monumentos de vernaculidade, porém sem grande energia de acção, sem *trucs* imprevistos, sem analyse de paixões e sentimentos e nem rigor de observação.

Leonor de Mendonça, drama magistral, todo cheio de peripecias, com optimo desenvolvimento psychologico, se bem que um tanto precipitado no desabrochar das paixões, um dos erros perniciosos do romantismo nascente então, não possue com tudo a originalidade e as nuanças brazileiras das poesias do seu autor.

—Alvares de Azevedo, intellectualidade morbida, nevrosthenica e visionaria de allucinado, produzio tambem o seu *Macario*, especie de sonho phantastico, impregnado de um pessimismo

desolador, e cheio de nebulosidades *à la* Byron e Pöe, que atormentavam a sua alma desesperada de moço filho da duvida!

Joaquim Manuel de Macedo, o mais popular dos nossos dramaturgos, escreveu o *Luxo e vaidade*, o *Cego*, o *Phantasma branco*, *Cincinato quebra louças* e muitos outros, todos mais ou menos brazileiros, quer na concepção artistica, quer no delineamento dos personagens, quer no assumpto, se bem que não possuam os intuitos e qualidades litterarias do grande poeta maranhense.

—Fagundes Varella, o nosso maior poeta lyrico socialista, deixou nos tambem alguns dramas em verso, taes como *O demonio do jogo* e *Fundação de Piratininga*, escriptos com um grande enthusiasmo juvenil, num estylo mirabolante de vivacidade pictural que os absolve dos erros de dicção e metrificação de que estão repletos.

—Joaquim Norberto, Pinheiro Guimarães, Teixeira e Souza, Franklin Tavora, Machado de Assis, Rangel de S. Paio, Castro Lopes, Maciel Pinheiro, Quintino Bocayuva, Sizenando Nabuco, Achilles Varejão, Damasceno Vieira, Domingos Olympio, Augusto Britto, autor dos *Criticos momentos*, dos *Amôres burlescos* e outros, Valentim Magalhães, Annibal Falcão, autor do *dr. Alberto* e da *Plastica*, França Junior, os irmãos Arthur, Aluizio e Americo Azevedo, Figueiredo Coimbra que nos deu na *Carta anonyma* uma bella promessa, e muitos outros ensaiaram com proveito e talento esse tão descurado genero de litteratura entre nós.

—José de Alencar, um dos politypicos mais extraordinarios das nossas lettras, que a tudo se entregou, poesia, historia, critica, romance, jornalismo, *folk-lore*, politica etc., delineou trabalhos como o *Demonio Familiar, Mãi, Azas de um anjo, Verso e reverso*, etc., que embora inferiores a

seus romances, não deixam todavia de marcar uma épocha na nossa pauperrima litteratura dramatica.

Para Agrario de Menezes, porém, é que se devem convergir todas as nossas vistas. Elle é um astro de primeira grandeza, de quem todos os outros são satellites.

O autor de *Calabar*, dos *Miseraveis*, de *Bartholomeu de Gusmão* e de muitos outros é incontestavelmente o maior dos nossos dramaturgos. Elle possuia a verdadeira intuição do theatro. Em seus dramas transparece o estudo acurado dos caracteres. *Calabar* por si só faria a reputação de um homem de lettras.

O arrojado poeta bahiano Castro Alves tentou tambem por sua vez o drama, e produzio *Gonzaga* em que transparecia um talento de eleição, mas impregnado d'esse estylo gongorico e d'essa imaginação apocalyptica que caracterisa os trabalhos de Victor Hugo. E' que o moço poeta

se deixára levar pelo enthusiasmo do condoreirismo de então, de que fôra com Tobias Barretto um dos creadores.

Resta-nos fallar de Martins Penna, um dos nossos maiores comediographos, cognominado o Moliére brazileiro, e de França Junior.

Os *Irmãos das Almas*, o *Juiz de Paz na Roça*, *Judas em Sabbado de Alleluia*, etc. são trabalhos todos muito conhecidos do nosso publico, em que entra com muita simplicidade natural toda a sociedade fluminense, e onde se photographam com verdade e nitidez os costumes e as intrigas das nossas aldeias,

Finalmente França Junior, o humorista theatral de mais merito que temos tido, escreveu diversas comedias: *Por linhas tortas*, *Como se fazia um deputado*, e outras cheias de naturalidade, pingues de espirito fino e sarcastico, e adubados com uma grande dóse de sal attico. O seu ultimo trabalho *Doutoras* é incontestavelmente um dos

melhores do seu repertorio. Cheio da influencia franceza dos comediographos comtemporaneos, as *Doutoras* não deixam de ser uma critica innocente e chistosa ás nossas moças que se dedicam aos estudos universitarios.

***

Actores, tivemos alguns que fossem além da craveira commum da mediocridade? Creio que neste ponto podemos ter tambem um pouco de orgulho, pois João Caetano dos Santos é incon-contestavelmente uma gloria nacional. O nosso actor electrisou platéas européas e viu, pode-se dizer, coroados os seus triumpos em vida. Delle diz o conego Pinheiro em seu *Curso elem. de litt. nacional* pag. 463: «Havia em nosso patricio, uma combinação de Garrick e de Thalma, esplendido talento, alma sensivel e apaixonada, sympathica

e movel physionomia, gestos naturaes, voz agradavel, numa palavra, tudo o que sóe para electrisar umr platéa.»

O nosso distincto escriptor tradiccionalista Dr. Mello Moraes Filho, numa roda em que se conversava a respeito do grande tragico brazileiro disse-me: «Foi o maior talento que hei até agora visto no palco, era muito superior ao celebrado Rossi e a Felps, a culminancia do theatro tragico de Inglaterra. Só o posso comparar com a Ristori.»

De Stella Sezefredo, Pedro Joaquim, Furtado Coelho, uma das nossas melhores organisações dramaticas, digo nossa porque apezar de ter nascido em Portugal foi aqui que elle educou o seu espirito e aqui foi que se fez autor; Joaquim Augusto Ribeiro, Francisco Corrêa Vasques, Florindo José da Silva, Xisto Bahia, Thereza Martins, Guilherme de Aguiar, Jesuina Montani e

alguns outros, ainda guarda saudosa lembrança a nossa platéa illustrada.

***

Que vemos hoje no palco dos nossos theatros? Quaes os trabalhos moralistas e educacionaes que têm visto ultimamente a luz da rampa? Eis uma interrogação sem resposta Os nossos theatros foram invadidos pelos *vaudevilles* canalhas dos boulevardeiros francezes, pelas operettas immoraes em que entram obrigados *pour faire bien á la santé de l'âme,* o cancan e a dança do ventre, forjados exclusivamente pela cupidez monetaria dos emprezarios, e pelos dramas de capa e espada que nem ao menos de recreio intellectual nos servem.

Qual a razão de um tão profundo desanimo do não proseguimento das tentativas havidas?

Será porque o theatro deixou de ser uma

grande eschola romantica de educação popular, para tornar-se uma mal entendida eschola da natureza? Não o creio, pois que as lições da natureza nós temol-as constantemente sem precisar do concurso do palco Demais o theatro dêve ser a educação do espirito, uma eschola de declamação e nunca uma flagrancia da experiencia

Que é o principal no drama? A isto Hegel affirma que o caracter, nunca porem o caracter superficial, deficiente e ás vezes *sufficiente* como entendem alguns criticos.

A esthetica, e sobre tudo a esthetica especial e applicada, exige meditações como a mais elevada philosophia, e gosto e experiencia como a mais selecta obra d'arte.

Para saber que é o caracter dramatico não basta tomar-se a palavra no seu sentido vulgar e corrente, razão por que todas essas condições que se lhe exigem sao muitas vezes ridiculas e arbitrarias.

O caracter é o principal, por que como o drama é a *poesia plena de la humanidad*, na phrase de Calderon, o que interessa é a resultante das propriedades humanas, como força na conveniencia social, influidas pelo *meio* que obram, e ás vezes influem. As propriedades humanas individualisadas constituem o caracter, e esta é é em definitiva a essencia do caracter dramatico. Não ha nisto porem, desprezo da *acção* como alguns estheticos suppõem, senão que esta não venha a ser mais do que a linha que assignala o caracter.

Assim em *Hamlet* e em *La vida és sueno*, é o caracter que decide da acção, sem que esta deixe de ser importante, porém o sendo somente pelo valor do proprio caracter.

E por fallar do caracter como principal elemento no drama, accóde-me á idéa a chamada eschola dramatica naturalista, eschola infima, decadente, fraca demais para se impòr.

Se o fim do drama é a commoção, a instrucção e o deleite, elle tem necessidade da ficção para conseguir os seus fins. E disso está convencido certamente D. José Echegaray, o maior dramaturgo da raça latina dos tempos actuaes, pois que em todas as suas grandiosas producções intercalou paginas e paginas de uma grande *sensiblerie* romantica, desde o *Lo que no puede decirse*, até a *Mala raça*. Estou certo tambem que Pailleron, um dos mais meticulosos dramaturgos francezes, não deixará de crer nessa observação, mormente attendendo a rapidez com que se immortalisou o seu *Le monde ou l'on s'ennuie*, bastante romantico no fundo.

E' pois a grande eschola da experiencia que tem provado que o naturalismo no theatro não póde medrar, visto que ao romantismo é que elle deve a sua vida. «Ao seu influxo, diz

Edmond de Goncourt, o mais artista, o mais investigador e o mais dissecador da psyché humana dentre os modernos escriptores francezes, —deve o theatro o seu lado de falso, de humano e de sublime... Mas as qualidades de uma humanidade verdadeiramente sincera, o theatro repelle-as por sua natureza, por sua mentira etc.» (Apud Emile Zola: *Nos auteurs dramatiques*, pag. 393)

De resto a sociedade em geral pensa com Theodore de Banville, quando se expressa pela fórma seguinte:—«Conheço Hamlet, conheço Romeu, conheço Ruy-Blas, porque são exaltados pelo amor, mordidos pelo ciume, transfigurados pela paixão, perseguidos pela fatalidade, esmagados pelo destino.

São homens como eu: Como eu, viram lagos, florestas, grandes estradas, céos constellados, clareiras prateadas pelo luar. Como eu, adora-

ram, fizeram preces, soffreram mil agonias... *Mais comment connaitrais—je ces bourgeois nés dans une boite? ils ont, me direz vous, les mêmes tracas que moi, de l'argent á gagner et á placer, des termes á payer, des remédes á acheter chez le pharmacien. Mais justement c'est pour oublier tous ces ennuis que je suis venu dans un théatre.*»—POÉSIES COMPLETES, vol. 3.° pag. 9—Apud Clovis Bevilacqua, *Epochas e individualidades*, pag. 110.

***

A terrivel e perniciosa mania da imitação, foi que deu causa de morte de mal de sete dias ao nosso theatro.

Pode-se affirmar, sem o minimo receio de errar, que não possuimos um trabalho original de autor brazileiro que se recommende pela descripção verdadeira do assumpto nacional, que

delineie caracteres conhecidos com precisão e arte; não, quasi todos têm em si a transubstanciação dos *trucs* e *ficelles* dos dramas francezes actuaes, que são por sua vez muito inferiores aos dos seus antecessores.

Não deixa de ter, em parte, razão o celebre philosopho e litterato allemão Joahannes Scherr quando disse que os francezes depois da *debacle* de 1870, não só perderam o dinheiro como o espirito.

Infelizmente, porém, ainda este preconceito está arraigado em os nossos directores de theatro, verdadeiros especuladores commerciaes.

Drama que se não pareça com os do estrangeiro não tem a sua acceitação.

Todos os dias vemos nos jornaes annuncios d'este jaez: «— hoje o drama ou a operetta tal que produziu em Pariz successo extraordinario».—E o facto de ter feito successo em Pariz deve im-

plicar, a seu modo, successo no Rio de Janeiro, cuja sociedade é muito diversa d'essa babylonia artistico-scientifico-litteraria, mas tambem voluptuosa e *surmenée*.

E não é sem motivo que um escriptor francez fallando da mentalidade litteraria da França actual, chamou-a de *un melange de volupté et de ivresse*. (F. Brunetière—*Hist. et littérature* vol. 3º pag. 39.)

Não se pense que estou phantasiando, muito ao contrario, é por me vêr estribado em factos que me abalanço a diser tudo isso.

Não ha entre nós quem não conheça o sr. Fernando Pinto d'Almeida Junior, autor dos dramas *28 de setembro*, as *Azas de Icaro* e *Redempção de Tiradentes*, todos elles historicos. O primeiro photographa com nitidez e grande observação a aurea lei que disse a fonte da escravidão: pára; o segundo é uma critica elevada e

grandiosa ao nosso meio social e um látego feroz á imprensa pornographica; e o terceiro finalmente é um estudo aprofundado da historia patria, no centenio de 1789 a 1889; é por conseguinte uma revista de seculo. Nelle o sr. Almeida Junior põe á luz da ribalta o historico fiel da Inconfidencia mineira e o supplicio do martyr da liberdade brazileira, os ultimos estertores da monarchia e o advento da Republica.

Além destes dramas, conheço muitas comedias suas, todas originaes, e em nada inferiores ás representadas nos nossos theatros.

Pois bem, este homem de merito incontestavel, tem luctado com todas as difficuldades possiveis e imaginaveis para conseguir vêr os seus trabalhos em scena.

Tem sido recebido com desdem por todos os emprezarios e por outros tantos actores mediocres, que não admittem que um brazileiro faça

cousa que preste além das bambochatas revistas de anno e quejandas litteratices.

O drama *Redempção de Tiradentes* não é uma obra prima, está ao contrario eivado de alguns defeitos que desapparecem com as suas innumeras bellezas e com os seus lances verdadeiramente dramaticos: elle não deixa, porém, de ser um trabalho de alto valor, historico, conseguintemente importante para as lettras nacionaes, e digno de vêr a luz da rampa em um dos nossos melhores theatros.

N'elle estão bem delineados os caracteres dos seus personagens, que á primeira vista se adivinha quem os seja. Sua movimentação psychologica é admiravel: a distribuição dos assumptos está bem feita, os saltos dos acontecimentos são imperceptiveis e o desabrochamento das paixões bem estudado.

De resto, o sr. Fernando de Almeida Junior

é um brazileiro que trabalha e portanto merece as nossas animações, que lhe aproveitarão certamente, e quem sabe se o estimulo não fará delle uma gloria da dramaturgia nacional? (*)

(*) Publicado na «Gazeta de Noticias», da Capital Federal.

FIM.